

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CARLOS FREIBERGER FERNANDES

**GRAU DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FLORIANÓPOLIS

2011

CARLOS FREIBERGER FERNANDES

**GRAU DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso, Msc.

FLORIANÓPOLIS

2011

CARLOS FREIBERGER FERNANDES

**GRAU DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Carlos Luiz Cardoso, Msc.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Jolmerson de Carvalho, Msc.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Paulo Marcelo Soares de Macedo, Msc.
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 07 de dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais, Julio Carlos de Oliveira Fernandes e Silvana Freiburger Fernandes pela dedicação e contínuo incentivo aos meus estudos.

A minha esposa, Thais Machado Rebelo Fernandes, pelo companheirismo, compreensão e apoio em todos os momentos que precisei me ausentar para a elaboração deste trabalho.

A todos os professores do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, pelos conhecimentos fornecidos durante todo o período deste curso, pois foram essenciais para minha formação.

Agradeço, em especial ao meu orientador, Professor Carlos Luiz Cardoso Msc., por sua dedicação, orientação e apoio na elaboração desta monografia.

A banca, composta pelo Professor Jolmerson de Carvalho Msc e pelo Professor Paulo Marcelo Soares de Macedo, por suas sugestões e comentários que enriqueceram este trabalho.

Aos demais que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta monografia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de Profissão	46
Gráfico 2 – Disciplina no Curso de Graduação.....	48
Gráfico 3 – Pós-Graduação e/ou Especialização.....	48
Gráfico 4 – Conhecimento em Psicologia na Graduação fornece suporte para atuação	49
Gráfico 5 – Conhecimento em Psicologia na Pós-Graduação/Especialização fornece suporte para atuação.....	50
Gráfico 6 – Conhecimento da Psicologia do Esporte.....	51
Gráfico 7 – Conhecimento em Psicologia do Esporte fornece suporte para atuação	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo de Atuação Profissional.....	47
Tabela 2 – Tipo de Ensino de Atuação Profissional	47
Tabela 3 – Importância do conhecimento psicológico	50

RESUMO

Este trabalho constituiu em uma pesquisa exploratória, teórica e de campo, sobre o conhecimento em psicologia repassado na formação do profissional em Educação Física. O objetivo foi verificar e refletir sobre a possibilidade de repasse de conhecimento em psicologia aos futuros docentes de Educação Física para utilização no exercício da atividade profissional, como ferramenta que venha contribuir para solucionar os inúmeros problemas e questões críticas que circundam a aprendizagem. A pesquisa de campo visou resgatar a relevância ou não daquele conhecimento por parte dos docentes envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Participaram da investigação dez docentes. O levantamento teórico apontou ferramentas e estratégias psicológicas essencialmente operativas e que, conseqüentemente, possam ser empregadas na Educação Física. A pesquisa de campo, quando da análise dos dados coletados, indicou que a maioria dos docentes apontam o conhecimento psicológico como necessário para a construção de um projeto educativo capaz de produzir mudanças que venham maximizar o ensino/aprendizagem.

Palavras-chaves: Formação docente. Conhecimento em psicologia. Educação Física.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
1.3 OBJETIVOS	12
1.3.1 Objetivo Geral.....	12
1.3.2 Objetivos Específicos.....	12
2 ABORDAGEM TEÓRICA.....	13
2.1 EDUCAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	13
2.2 PSICOLOGIA DOS ESPORTES	14
2.3 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO	14
2.3.1 Psicologia do Esporte no Brasil	16
2.4 TEORIAS PSICOEDUCATIVAS	16
2.5 DICOTOMIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	18
2.6 PARADIGMA CARTESIANO E HOLÍSTICO.....	21
2.7 CONCEPÇÃO “ABERTA” NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	22
2.8 PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO DO ESPORTE E EXERCÍCIO	24
2.9 QUESTÕES CRÍTICAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	30
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	45
3.1 PROCEDIMENTO.....	45
3.2 COLETA DE DADOS	45
3.2.1 População/Amostra	45
3.2.2 Instrumentos	46
3.3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	53
4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
4.2 RECOMENDAÇÕES	55
5 REFERÊNCIAS	56
6 APÊNDICES.....	58

INTRODUÇÃO

O exercício da profissão de educador, no Brasil e em outros países, é considerado complexo. Não bastasse isso, tem-se constatado conflitos de poder entre professor e aluno, indisciplina e violência na escola, entre outros problemas que o professor enfrenta em sala de aula. Nesse contexto, este estudo tem por objetivo verificar e refletir se o conhecimento psicológico, quando repassado aos futuros educadores de Educação Física, é importante e necessário para solucionar os problemas que surgirão no exercício da docência, favorecendo ou não um ensino significativo àqueles sob responsabilidade de um bom professor. Assim, num primeiro momento, investiga-se, através de questionários e entrevistas, qual o julgamento que profissionais em Educação Física têm sobre a Psicologia Aplicada ao Esporte e, num segundo momento, levantamento teórico da Psicologia na Educação do Esporte e Exercício.

A dualidade corpo-mente do ser humano tem sido tema de vários debates e motivado diversas teses em diferentes áreas de conhecimento. E no repasse de conhecimento aos futuros docentes de Educação Física? O conhecimento voltado à compreensão e maximização da mente humana voltado à aprendizagem tem sido explorado?

Partindo do princípio de que o conhecimento psicológico se constitui em necessidade formativa/constitutiva na profissionalização do docente em geral, este estudo tem por objetivo analisar e refletir se o conhecimento psicológico, quando repassado na formação inicial do futuro docente de Educação Física, favorece um ensino significativo àqueles sob responsabilidade de um bom professor em Educação Física.

Nesse contexto, este trabalho constitui uma pesquisa teórica e exploratória no meio acadêmico dos docentes de Educação Física, no que se refere ao conhecimento psicológico repassado na formação inicial do futuro docente de Educação Física, onde se especula quais seriam as ferramentas e estratégias psicológicas que possibilitariam ao futuro docente “enxergar” o aluno dentro de uma sala de aula, maximizando sua aprendizagem, avaliando-se ou não a importância do repasse deste conhecimento, na medida em que facilita ou não a

inter-relação e transferência de conhecimento professor/aluno, capacitando-os a desvendar e controlar os “constructos” psicológicos que provavelmente interferirão naquela aprendizagem.

Assim, pretendemos com este trabalho averiguar aquele conhecimento, verificando sua qualidade como instrumento de aplicação na prática pedagógica e sua operacionalidade no emprego imediato no setor da educação, em especial na Educação do Esporte e Exercício.

No primeiro momento, será realizado levantamento teórico referente à Educação no Mundo Contemporâneo e sobre a Psicologia na Educação do Esporte e Exercício e, num segundo momento, será investigado, através de questionários, qual o julgamento que profissionais em Educação Física tem sobre o repasse do conhecimento em Psicologia na formação dos docentes.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Quando nos defrontamos com a realidade escolar e entendemos que ali é o local onde as coisas acontecem é necessário que extrapolemos o campo teórico e efetivamente coloquemos em prática propostas inovadoras para o ensino, que venham solucionar os problemas vivenciados na sala de aula.

Segundo Franco (2000), pesquisas demonstram que não basta o professor de educação física treinar a parte técnica ou tática de uma equipe, pois vários aspectos alheios acabam interferindo no desempenho, tais como as questões emocionais e psicológicas de uma equipe ou mesmo de um atleta de modalidade individual atuam, determinadamente, na busca de seus objetivos. Vivenciamos esta dificuldade quando participamos dos estágios curriculares.

Nesse contexto, uma aula, com a prática pedagógica que utilize técnicas e ferramentas psicológicas que possibilitem “enxergar” a “alma” do aluno, certamente maximizará a aprendizagem que, sabe-se, vem sendo tão conturbada e criticada nos dias de hoje.

Dentro desse novo paradigma emergente, o curso de graduação em Educação Física, repassa conhecimento psicológico que efetivamente é empregado na prática pedagógica, favorecendo o desenvolvimento das competências profissionais à docência, servindo de ferramenta para solucionar conflitos ocorrentes na educação contemporânea?

1.2 JUSTIFICATIVA

O que se espera de um graduado em Educação Física, é que ele possua conhecimento suficiente para enfrentamento dos problemas no dia a dia em sala de aula. Em se tratando das aulas de Educação Física, sabe-se que o professor, mesmo em início de carreira, deve planejar e disseminar conhecimentos teóricos e práticos na construção de um saber ligado à motricidade humana, visando aspectos cognitivos e psicológicos. Nesse contexto, é interessante que se verifique se o conhecimento psicológico, quando repassado na formação inicial do aluno de Educação Física, contribui no processo educativo.

A investigação trata de compreender uma realidade complexa, ou seja, interação aluno/professor no decorrer do ensino/aprendizagem o que certamente ainda necessitará grande tempo de estudo teórico e pesquisa de campo.

Este trabalho limitou-se a pesquisar uma realidade vivenciada de apenas 10 (dez) docentes de Educação Física no sentido de desvendar suas concepções no que se refere à necessidade de repasse de conhecimento psicológico aos futuros docentes de Educação Física. Por outro lado, o trabalho aborda algumas ferramentas e estratégias psicológicas possíveis de aplicação na prática pedagógica do docente de Educação Física, servindo de incentivo a outras pesquisas mais exaustivas nesta área.

Segundo Alegre (2006), dependendo de como é sua prática pedagógica, temos “o professor como um técnico; o professor como um teórico; o professor como um prático-reflexivo; o professor como um acadêmico; o professor como um terapeuta; o professor como pesquisador; o professor como uma pessoa responsável pela tomada de decisão”.

Comungamos com o entendimento de Daolio (1996) quando afirma que o profissional-professor de Educação Física precisa possuir conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade.

Assim, focamos o conhecimento psicológico voltado à aprendizagem como provável ferramenta para uma nova tentativa de avaliar, “enxergar” o aluno e, na seqüência, poder maximizar a aprendizagem.

Nesse contexto, o presente trabalho de pesquisa parece ser adequado a embasar uma monografia de final de curso de Educação Física, que representa uma contribuição de grande aplicação na prática pedagógica no domínio educacional e, sobretudo, no campo da Educação Física onde o professor, além da necessidade de possuir conhecimento suficiente para enfrentamento dos problemas no dia a dia em sala de aula, deve, mesmo em início de carreira,

planejar e disseminar conhecimentos teóricos e práticos na construção de um saber ligado à motricidade humana. Para que as aulas se realizem com esta abordagem, aspectos como o cognitivo e psicológico devem também estar sob o domínio do educador de educação física, exsurgindo o conhecimento psicológico como ferramenta a ser utilizada no processo educativo que, sabe-se, é complexo, dinâmico e ainda inacabado.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é verificar e refletir se o conhecimento em psicologia, quando repassado na formação inicial dos acadêmicos de Educação Física, é importante e necessário para solucionar os problemas que surgirão no exercício da docência, ou seja, sua contribuição na facilitação ou não no que se refere à integração do docente na sua prática profissional.

1.3.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral pretendido, o estudo tem os seguintes objetivos específicos:

- Verificar se o conhecimento psicológico repassado na formação inicial do docente de Educação Física é efetivamente aplicado na sua prática funcional;
- Analisar se a utilização de conhecimento psicológico na prática pedagógica do professor de Educação Física vai ao encontro à educação tradicional e/ou “aberta” e se facilita solucionar os problemas enfrentados pelo educador em sala de aula.

ABORDAGEM TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A problemática na educação do mundo contemporâneo tem se avolumado em sala de aula com o passar do tempo, e já é um fenômeno que aterroriza os professores e vem sendo discutido em nossa sociedade, seja pela mídia, na família e no meio acadêmico.

No que se refere à disciplina, tem-se constatado que condutas indisciplinadas se generalizam, e professores já não sabem o que é preciso fazer. Levando-se em conta que a indisciplina tem causas múltiplas e, além disso, são mutantes com o passar do tempo, pois a sociedade se transforma e, conseqüentemente, também a indisciplina depende de todo um contexto sócio-cultural que lhe dá sentido.

Nesse contexto, pode-se dizer que problemas familiares, psicológicos, da estruturação escolar, da personalidade e do método pedagógico utilizado pelo professor provocam a indisciplina e interferem na aprendizagem.

Silvia Parrat-Dayan (2008, p. 102), pesquisadora dos Arquivos Jean Piaget, da Universidade de Genebra, na Suíça, entende que:

A associação de indisciplina com agressividade e violência faz com que o problema fique fora do alcance da própria ação pedagógica do professor. Porém, problemas de ordem pedagógica têm uma forte influência na emergência de fenômenos de indisciplina, e analisá-los pode ser de especial ajuda para o professor. Se as situações de indisciplina escolar têm relação com uma perspectiva pedagógica, isso não significa que outras perspectivas não intervenham.

Quanto ao problema da indisciplina entende a autora que ele só pode ser enfrentado com a gestão participativa e que a origem da indisciplina está num crime que se abateu sobre escolas do mundo todo resultante do choque entre um modelo educativo ultrapassado e um público que está passando por transformações profundas.

No livro “Como Enfrentar a Indisciplina na Escola”, Parrat-Dayan (2008) defende que, por trás do ato indisciplinado, está a urgente necessidade de repensar a relação do professor com o aluno e os problemas pedagógicos que são decorrentes dela. Ao fazer isso, a escola chama para si a responsabilidade de debater o comportamento inadequado, em vez de tratá-los apenas como interferências externas.

Para Parrat-Dayan (2008) "A disciplina é importante no ambiente escolar não para haver um controle sobre os estudantes, mas como um elemento para facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem. E assim deve ser construída com os alunos".

E Parrat-Dayan (2008, p. 105) explica:

Assim como muitas outras práticas sociais, as condutas de indisciplina chegaram a se transformar num sintoma de um comportamento individual, um desvio, fazendo com que os alunos sejam qualificados ou diagnosticados como instáveis, acelerados, egoístas, individualistas, desrespeitosos, insolentes ou hiperativos. E mais, muitas vezes a indisciplina é interpretada como uma doença que deve ser curada com remédios. Então, prescreve-se ritalina para todos. A indisciplina vira problema para especialistas, médicos ou psicólogos, e deixa de ser um problema que concerne ao professor ou aos pais.

2.2 PSICOLOGIA DOS ESPORTES

O esporte é um poderoso fator mobilizador, que exerce influência no comportamento dos jovens, fazendo com que se espelhem em seus ídolos os transformem em ícones capazes de criar e destruir padrões, moldar comportamentos e ditar modas que se espalham em uma velocidade espantosa.

Visando este contexto, diversas ciências intervêm objetivando melhorar cada vez mais o desempenho de praticantes de esportes. Dentre essas ciências, tem-se a Psicologia do Esporte que, em conjunto com ciências como a medicina desportiva, a nutrição desportiva, a biomecânica, a sociologia dos esportes, entre outras, faz parte de uma grande área, denominada Ciências do Esporte.

Sendo assim, a Psicologia do Esporte é o estudo científico dos fatores psicológicos que estão associados à participação e performance nos esportes, exercícios e outros tipos de atividade física, possibilitando, por outro lado, compreender como a participação em atividades físicas reflete no desenvolvimento psicológico e na saúde dos praticantes ao longo de toda a sua vida.

2.3 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO

Atualmente a psicologia do esporte e do exercício está mais popular do que nunca. A

psicologia do esporte remonta à virada do século XX. Sua história se divide em cinco períodos.

1) Período 1 (1895 – 1920): Na América do Norte, a psicologia do esporte começou em 1890. Norman Triplett, um psicólogo da Indiana University e um entusiasta do ciclismo, queria entender por que razão os ciclistas às vezes pedalavam mais rapidamente quando corriam em grupos ou em pares do que quando pedalavam sozinhos. Na época de Triplett, os psicólogos e os professores de educação física estavam apenas começando a explorar os aspectos psicológicos do esporte e a aprendizagem de habilidades motoras. Eles mediam os tempos de reação de atletas, estudavam como as pessoas aprendem habilidades esportivas e discutiam o papel do esporte no desenvolvimento da personalidade e do caráter, mas pouco faziam para aplicar esses estudos.

2) Período 2 (1921-1938): Coleman Griffith foi o primeiro norte-americano a dedicar uma porção significativa de sua carreira à psicologia do esporte, sendo, hoje, considerado o pai da psicologia do esporte americana. Fatos importantes: Griffith publica 25 artigos de pesquisa sobre psicologia do esporte. É estabelecido o laboratório de pesquisa em esportes físicos da University of Illinois.

3) Período 3 (1939-1965): Franklin Henry da University of Califórnia, em Berkeley, foi o responsável pelo desenvolvimento científico da área. Ele dedicou sua carreira ao estudo profundo dos aspectos psicológicos da aquisição de habilidades esportivas e motoras. Henry formou muitos outros professores de educação física ativos que mais tarde se tornaram professores universitários e iniciaram programas de pesquisa sistemáticos. Eles ajudaram a criar a disciplina acadêmica de ciência do esporte e exercício, entretanto, o trabalho aplicado em psicologia do esporte ainda era limitado.

4) Período 4 (1966-1977): Os psicólogos do esporte estudavam o modo como os fatores psicológicos, ou seja, ansiedade, auto-estima e personalidade, influenciam o desempenho de habilidades esportivas e motoras e a maneira como a participação em esporte e na educação física, influencia o desenvolvimento psicológico.

5) Período 5 (de 1978 até o presente): Psicologia do Esporte e do Exercício Contemporânea. Desde a metade da década de 1970 ocorreu um grande crescimento na psicologia do esporte e do exercício.

2.3.1 Psicologia do Esporte no Brasil

Quando se fala em Psicologia do Esporte no Brasil, surge o nome de João Carvalhães como principal personagem.

Na Era Vargas (1930-1945) em que o Brasil inicia seu processo de industrialização, onde não havia um apoio maciço das classes sociais, exceção feita aos militares, que visavam garantir uma indústria siderúrgica no país em prol da defesa nacional, o Brasil tentava avançar em seu processo de desenvolvimento industrial e a mão-de-obra qualificada se fazia necessária, razão pela qual os conhecimentos e a experiência de João Carvalhães no âmbito da psicologia do trabalho foram necessários para atender uma demanda social de seleção de pessoas no âmbito industrial. Detentor deste conhecimento pode transitar no mundo esportivo, onde a seleção de atletas capazes e adequados à sua função também já se fazia necessária. Nesse contexto, ainda nessa década (1954-1959), na Federação Paulista de Futebol, JC aplicou seus conhecimentos de psicotécnica à realidade esportiva, implantando uma unidade de seleção para árbitros de futebol, atuando também na preparação psicológica destes e junto à Seleção Brasileira de Futebol (WAENY; AZEVEDO, 2006).

A importância da Psicologia do Esporte junto às equipes esportistas (atletas, treinadores e dirigentes) já aparecia com clareza nos anos 1950, mas começou a ser construído nos anos 1930. Uma prova disso são artigos encontrados na Revista do Exército, escritos por militares, médicos e educadores que versam sobre temas como “Educação Física e Educação Psíquica” (1933) escrito por Plínio Olinto, professor do Instituto de Educação e Chefe do Serviço de Profilaxia Mental do Hospital Nacional; “Psicologia e Educação Física” (1935) de Lourenço Filho, paulista, educador e expoente no movimento dos pioneiros da Escola Nova e professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo de 1924 a 1930. Assim, verificamos um início de construção de um discurso onde psicologia passa a ser citada como referência para educação física por não considerar a distinção entre os aspectos fisiológicos e psicológicos.

2.4 TEORIAS PSICOEDUCATIVAS

No que se refere a abordagem teórica à prática pedagógica, tem-se as teorias

psicoeducativas. Na síntese desta diversidade teórica, abordam-se dois entendimentos psicoeducativos extremos que oscilam entre as concepções de Psicologia aplicada à educação, de cunho reducionista e promovedor da psicologização do processo educacional, e as concepções que reconhecem a diversidade e as variáveis de natureza psicológica. Também outras tantas que não são de tal natureza, mas que estão presentes nos processos educacionais. Nessa segunda concepção, cabe à Psicologia da Educação promover caminhos que contribuam para o entendimento e a interpretação da diversidade de fenômenos educativos para então buscar proporcionar qualidade no processo escolar.

Quando se reflete sobre conhecimento psicológico na educação cabe destacar o entendimento de Saisi (2003) quando salienta que as diferentes concepções teóricas ensinadas na disciplina Psicologia da Educação são relevantes para o processo de formação e devem ser trabalhadas com os alunos na sua globalidade, pois cada uma delas traz contribuições efetivas à prática pedagógica. Nesse sentido, Saisi (2003, p. 88) ressalta:

Não transmiti-las significa informar parcialmente o aluno sobre o assunto. É da função do docente de toda e qualquer disciplina o compromisso de apresentar o fenômeno, objeto de estudo, de modo fiel às suas características, para que a apreensão desse conhecimento pelo aluno se dê em bases as mais próximas possíveis do real [...].

Saisi, apesar de admitir que a pluralidade teórica seja essencial na formação do professor, contribuindo para a prática pedagógica, deixa claro que não se deve fazer muita “miscelânea epistemológica”, mas tratar de forma crítica os conhecimentos produzidos pela Psicologia da Educação. Larocca (1999, p. 20) complementa ressaltando que o futuro professor deve saber “(...) em que condições históricas aquele conhecimento foi produzido, ‘a que ‘ou ‘a quem’ ele serve e como pode ser utilizado para interpretar e interferir na prática pedagógica (...)”.

Por sua vez, Souza e Kramer (1991) ressaltam que não devemos abandonar descobertas científicas importantes, seja de Piaget, Wallon ou Skinner, pois cada um deles vivenciou momentos históricos diversos, trazendo contribuições diferentes que nos ajudam a pensar a realidade com que nos defrontamos diariamente. Assim, agir opondo-se ou ocultando os conhecimentos seria o mesmo que negar a história.

Souza e Kramer (1991) acreditando que não se devem repassar aos alunos as teorias psicológicas como “receitas prontas”, pois se corre o risco de cair em modismos que, em vez de ajudar, acabam prejudicando e confundindo ainda mais os futuros docentes, assim Souza e Kramer (1991, p. 70) se expressam:

Quanto mais às universidades e os sistemas de ensino confundirem as cabeças dos professores com teorias redentoras, supostamente dotadas de capacidade de resolver os problemas educacionais, menos contribuições efetivas estarão sendo dadas a uma educação democrática e, portanto, de qualidade. É crucial que os professores tenham acesso ao conhecimento produzido nos vários campos, mas é preciso dimensionar esse conhecimento na provisoriedade que o caracteriza, superando modismos apressados, classificações levianas da prática escolar e propostas de mudanças rápidas e superficiais. Do contrário, mais uma vez gato será comprado por lebre e, novamente, a criança e o professor serão responsabilizados pelo fracasso.

As autoras ressaltam que muitas concepções, de acordo com o momento, têm sido priorizadas nas propostas educacionais, afirmando que esse fato aconteceu com Piaget e ocorre atualmente com Vygotsky. Nesse sentido, Souza e Kramer (1991, p. 70) ressaltam:

Não se podem desconsiderar as contribuições de Piaget, da mesma forma que não se pode difundir a obra ou o pensamento de Vygotsky como se fosse à única e última palavra dita sobre o desenvolvimento infantil e sobre o trabalho com a criança. Não devemos, nesse sentido, repetir com Vygotsky, nos anos 90, o que foi feito com a obra de Piaget nos anos 70. Simultaneamente, não podemos menosprezar agora o trabalho de Piaget, nem jogá-lo fora com a água do banho.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli, psicóloga e pedagoga, concorda com as idéias das autoras supra referidas e nos informa que para contribuir na formação de futuros professores críticos, não deve-se optar por abordar apenas um referencial, e sim trabalhar com a multiplicidade que a própria ciência oferece, pois cada corrente elabora diferentes explicações para a complexa dinâmica vivida nas escolas. Vercelli (2008, p. 225) afirma:

Quando o professor elogia um aluno por um comportamento adequado ou o pune por não ter feito as tarefas, está utilizando conceitos do behaviorismo. Quando avalia as necessidades de cada um e considera a realidade da escola onde trabalha, utiliza-se da psicologia sócio-histórica, e ao elaborar as atividades avaliando o que o aluno pode ser capaz de fazer, vale-se da teoria piagetiana. Portanto, desconsiderá-las seria negar aquilo que a ciência produziu e produz para a humanidade.

2.5 DICOTOMIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cabe aqui transcrever considerações de doutrinadores quanto à dicotomia existente entre teoria repassada na Psicologia da Educação e a prática pedagógica.

Sadalla et al. (2002) e Freitas (2000) salientam que a crítica à dicotomia entre teoria e prática se deve ao formato das licenciaturas que persiste desde sua criação, no fim da década

de 1930, com a fundação das faculdades de filosofia. Esse fato decorre da estrutura das licenciaturas, que funcionavam com base na fórmula 3+1: nos três primeiros anos do curso, os alunos aprendem os conteúdos das matérias que iriam lecionar depois de formados e, somente no último ano, tinham acesso às disciplinas pedagógicas entre as quais a Psicologia da Educação.

Sadalla et al (2002) retomam a idéia de que esse modo de formação é chamado de modelo de racionalidade técnica, pois o professor põe em prática os conhecimentos aprendidos. Nesse sentido, o estágio não é considerado espaço de vivência, e sim para o futuro professor aplicar seus conhecimentos técnicos. Esse modelo, de acordo com as autoras, fez com que as licenciaturas ficassem desacreditadas. Salientam que, atualmente, existe um novo modelo de formação – o de racionalidade prática – que oferece ao professor autonomia para refletir sobre sua prática e tomar decisões. Esse modelo, porém, acaba privilegiando a prática, o que também não favorece a formação do aluno.

Visto dessa forma, Sadalla et al. (2002, p. 69) ressaltam que: “(...) o que se ensina é uma Psicologia abstrata e modeladora que não consegue de maneira eficaz estabelecer a ponte entre modelos explicativos e o concreto vivido. (...)”.

As autoras complementam, ressaltando que os alunos entendem as teorias, mas não conseguem pô-las em prática. Dessa forma, a Psicologia da Educação pouco colabora para a formação do futuro profissional.

Qual a solução encontrada pelos pesquisadores da área para articular teoria e prática na Psicologia da Educação? Sadalla et al. (2002) mostram que, diante dessa necessidade, a Psicologia da Educação só fará a articulação no momento em que penetrar na realidade, em diálogo com a prática que o professor vivencia no seu fazer pedagógico. Assim, nos cursos de formação de professores, deve-se ir além de uma abordagem teórica, apoiando-se em uma abordagem teórico-prática. As autoras salientam que isso só será possível se quem ensina Psicologia da Educação penetrar na realidade educacional dialogando com a prática que cada professor vivencia no seu dia-a-dia. Nesse sentido, Sadalla et al (2002, p. 75) comentam que:

Nas aulas de Psicologia Educacional os alunos devem aprender e refletir acerca das condições em que se apropriam dos conhecimentos científicos psicológicos; se deparar com situações que promovam a intervenção e criatividade do professor, ter consciência das implicações das abordagens que estão aprendendo; e, ainda, ter conhecimento das estruturas e dos contextos que compartilha a partir da contribuição de determinadas teorias.

Ao proporem a articulação entre teoria e prática, Pereira et al. (2002, p. 189) sugerem

“(…) que os cursos de formação devem contemplar situações didáticas em que os futuros professores tenham a oportunidade de mobilizar conhecimentos de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências (…)”.

Assim como os autores porque, como docentes, também percebem que, quando articulamos a realidade educacional dos discentes com os conhecimentos psicológicos tratados, ela se reveste de sentido, propiciando a participação da maioria dos alunos. Percebemos que essa articulação ocorre principalmente com aqueles que já atuam na educação básica, pois vivenciam no cotidiano situações que foram elucidadas pelos teóricos estudados.

Muitas vezes, alunos trazem problematizações e vivências do cotidiano para a sala de aula, o que contribui muito para o entendimento das teorias psicológicas. Acreditamos que essas experiências devam ser valorizadas e discutidas, pois constituem excelente recurso pedagógico e servem de apontamentos para aqueles que ainda não são docentes.

Azzi et al. (2000, p. 195) ressaltam que se trabalharmos apenas de forma teórica, sem conexão com a realidade, dificilmente o futuro professor conseguirá estabelecer relações. Nesse sentido, salientam as autoras:

(…) é preciso que durante o processo de formação o aluno tenha oportunidade de trabalhar com questões organizadas dos problemas propostos pela realidade educacional, promovendo a problematização dessa realidade e buscando, nas teorizações da Psicologia e de outras áreas do conhecimento, explicações para análise e discussão de algumas soluções que esses problemas impõem.

Do que se apresentou acima, constata-se que o conhecimento psicológico repassado por disciplinas geralmente denominadas de Psicologia Geral, Psicologia da Educação ou Psicologia do Desenvolvimento, entre outras, revelam uma abordagem voltada às teorias clássicas da Psicologia sobre processos de aprendizagem e do desenvolvimento humano, ficando evidente que a Psicologia passa como acessório na formação destes profissionais.

Ora, o espaço escolar, e também a Educação Física no contexto socio-político-cultural em que se encontra, sempre foi influenciada pela ideologia dominante nos seus momentos de construção. É neste cenário, que a Educação Física sempre foi facilmente induzida à reprodução da cultura de movimento dos dominantes.

No Brasil, uma das tendências que reflete bem o mau uso da disciplina é a educação física Militarista que influenciada pela educação física Higienista, teve como objetivo a formação de jovens capazes de suportar a guerra, tendo como pano de fundo a eliminação dos fracos e premiação dos mais fortes fisicamente (esporte de competição).

Por esses e outros motivos é necessário que os educadores se conscientizem e percebam que o entrelaçamento da atividade corporal, da ginástica e do esporte com a formação dos homens obriga o educador físico a refletir sobre a educação em sua prática profissional.

2.6 PARADIGMA CARTESIANO E HOLÍSTICO

Quando conceituamos paradigma, podemos afirmar que ele representa os conteúdos de uma visão de mundo. Assim, pessoas que têm o mesmo paradigma agem de acordo com os axiomas que ele determina, ou seja, estão identificadas, unidas, em consenso sobre uma maneira de entender, de perceber, de agir, a respeito do mundo. Simplesmente aceitam a descrição do mundo conforme determina o paradigma, sem oferecer qualquer crítica aos fundamentos deste.

Nesse contexto, também para a educação um paradigma significa um modelo, algo que serve como parâmetro de referência, como um ideal a ser seguido. Podemos dizer que um paradigma é a percepção geral e comum. Ao mesmo tempo, ao ser aceito, um paradigma serve como critério de verdade e de validação e reconhecimento nos meios onde é adotado.

1) O paradigma Cartesiano (pensamento Newtoniano), também conhecido como paradigma conservador, apresenta características do positivismo, onde o ser humano é fragmentado, ou seja, visto em partes específicas e não como um todo, de forma integral, holística. A mesma fragmentação ocorre em todos os seguimentos da sociedade, com o ser humano, com a educação, com a igreja, com a teologia. O paradigma conservador tem a ciência como a sua coluna dorsal, utiliza – se da razão, o que permite um desenvolvimento técnico e específico de cada área.

2) O paradigma Holístico o ser humano não é visto em partes, fragmentado, mas sim de forma integral, num todo. Esse paradigma também é conhecido como paradigma emergente e vem sendo proposto como modelo para o século XXI, buscando assim um desenvolvimento capaz de se voltar para o todo, para a transcendência, para as emoções, sentimentos, entre outras características que formam o Holismo. No paradigma emergente, o conhecimento lógico e empírico são considerados válidos. O conhecimento é produzido em conjunto e o ser humano visto como um todo, de forma integral e holística.

Neste paradigma, se tem um modelo científico que se baseia no conceito de que um

mais um é diferente de dois, ou seja, não são somente as partes constituintes de um corpo ou de um objeto que são de fundamental importância para a compreensão da natureza desse objeto, mas o modo como se expressa todo esse objeto, e como ele se insere em seu meio. As partes que constituem um sistema têm um notável conjunto de características que se não vêm no âmbito das partes, mas no sistema inteiro, o todo - o holos -, freqüentemente possui uma característica que vai bem além que a mera soma das características de suas partes.

Nesse contexto, o professor de Educação Física deve ensinar o aluno a trabalhar o seu corpo e, simultaneamente, enxergá-lo e ensiná-lo a trabalhar a sua mente. Deste modo percebesse a necessidade do conhecimento psicológico que deve ser repassado na formação inicial do docente, haja vista que cabe também à escola, na busca de ofertar uma melhor qualidade de ensino cada vez maior não só para o conhecimento, mas também para a formação pessoal (individual) do individuo, inserir entre suas disciplinas aquelas que atendam a esse novo paradigma.

2.7 CONCEPÇÃO “ABERTA” NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando se fala em concepção “Aberta” no Ensino da Educação Física, aponta-se para uma prática pedagógica orientada na problematização. Conforme Bracht (1999), a partir da década de oitenta a Educação Física no Brasil tem observado um movimento denominado de movimento renovador da Educação Física brasileira. Informa-nos que podemos dividir esse movimento em dois momentos: 1) Visava fornecer à Educação Física um caráter científico, de modo que a prática pedagógica fosse orientada pelo conhecimento produzido pelas ciências naturais. 2) É caracterizado pelo desenvolvimento de concepções de ensino vinculadas a uma Teoria Crítica da Educação. O autor cita as seguintes concepções: Ensino Aberto; Crítico-Superadora; e Crítico-Emancipatória.

Tem-se constatado que essas concepções de ensino não têm sido aplicadas na sua maioria como prática pedagógica escolar por professores que atuam na Educação Física, diante disso, quando nos defrontamos com a realidade escolar e entendemos que ali é o local onde as coisas acontecem é necessário que extrapolemos o campo teórico e efetivamente coloquemos em prática propostas inovadoras para que o ensino venha solucionar os problemas vivenciados na sala de aula.

Nesse contexto, aulas em que professores e alunos estão abertos às várias

possibilidades de soluções aos problemas, não limitando-se a apenas um dos possíveis percursos, previamente traçado pelo educador, mas sim facultando ao aluno a tarefa de buscar as diversas possibilidades de movimento, com a prática pedagógica que utilize técnicas e ferramentas psicológicas que possibilitem enxergar e treinar a alma do aluno, certamente maximizará a aprendizagem.

Entendamos a “aula aberta” não como uma aula de anarquia, onde cada aluno faz o que quer, mas sim, um ensino aberto que poderá conter medidas diretivas e prescrições estruturais, mas que, por outro lado, possibilitem alternativas de solução para o problema apresentado. Exemplificando, nesta concepção de ensino a problematização é colocada como tarefa a ser cumprida pelo aluno.

Aqui é que entra a disciplina Psicologia do Esporte e do Exercício, como fornecedora das ferramentas para o professor entender e estimular os alunos a resolver problemas. Que detecte, interprete e compreenda os interesses dos alunos (paradigma holístico), indo ao encontro a uma perspectiva pedagógica progressista. Que tem o aluno como sujeito do processo e construtor do seu conhecimento, e o docente como mediador desse processo, assumindo a responsabilidade de facilitar, articular e orientar a construção do conhecimento pelos alunos, proporcionando-lhes trabalhar os problemas reais vivenciados na realidade da sala de aula e da sociedade em que está inserido. Aqui, o aluno parte da problematização da realidade para a reconstrução do conhecimento, em um movimento de ação-reflexão-ação. Acreditamos que a utilização de ferramentas e instrumentos psicológicos para avaliação e treinamento psicológico dos alunos, vem despertar um novo processo de ensino-aprendizagem à disposição dos profissionais de Educação Física e que deve ser socializada.

Concluindo, quando se sabe das dificuldades e desafios que o ensino, como prática social, coloca no cotidiano do professor, a psicologia da educação encontra-se como uma das disciplinas que precisa ajudar o professor a desenvolver conhecimentos e habilidades, além de competências, que o possibilite construir seus saberes-fazer e soluções para enfrentamento dos problemas.

Autores como, Mitjans Martínez e Pereira (2003), Azzi e Sadalla (2002), consideram que somente se poderá ter uma melhor interpretação e compreensão dos fenômenos educativos quando as disciplinas psicológicas dos cursos de formação de professores assumirem plenamente, e com todas as conseqüências, que seu campo de pesquisa e de intervenção é lugar de confluência de múltiplas disciplinas e diversos profissionais.

Além disso, Mitjans Martínez (2003) sinaliza que o conhecimento psicológico e a teoria e prática educativas não podem ser consideradas em uma única direção. O

conhecimento psicológico contribui para melhorar a compreensão e a explicação dos fenômenos educativos, porém o seu estudo deve facilitar igualmente a ampliação e o aprofundamento do conhecimento psicológico.

A esse respeito, Mitjans Martínez (2003) reitera a necessidade de se estruturar um eixo do processo de formação de professores que contribua para o desenvolvimento dos recursos subjetivos necessários para a prática pedagógica. Ela enfatiza o sistema de valores, crenças e representações e a configuração de recursos que estão na base da criatividade. Considera que a ação pedagógica do professor, como sujeito, está mediatizada, por um lado, pelo conjunto de recursos subjetivos que o caracterizam em sua constituição histórica, entre eles suas motivações, capacidades, representações, valores, expectativas, projetos, etc. Por outro lado, importam as características dos espaços sociais e interativos onde suas ações têm lugar e os significados e sentidos que assumem para ele, num vínculo processual e inseparável de sua própria ação.

2.8 PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO DO ESPORTE E EXERCÍCIO

Quando se procura conceituar a competência do professor, percebe-se que a competência é resultante de vários fatores e, principalmente, do conhecimento técnico e psico-social adquirido pelo professor já no início de sua formação inicial. Assim, vale mais não definir um conceito de competência, mas sim os elementos componentes que fazem parte desta competência.

Para o autor francês Philippe Perrenoud (2000), para o processo ensino/aprendizagem é necessário “conhecer e dirigir situações de aprendizagem, conceber e administrar situações problemas, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, administrar a heterogeneidade da turma e fornecer apoio aos alunos com dificuldade, envolver os alunos em sua aprendizagem e trabalho, suscitar o desejo de aprender, desenvolver a capacidade de auto – avaliação, trabalhar em equipe; elaborar projetos em equipe e formar e renovar a equipe pedagógica favorecendo situações para o estabelecimento das relações úteis pessoais mais estreitas, entre outras.

Ora, refletindo-se sobre os requisitos acima enumerados, necessários no processo ensino/aprendizagem, constata-se que, para o esporte de alto nível, professores que atuam nesta área têm utilizado o conhecimento psicológico objetivando maximizar o resultado

esperado, onde o esporte forma homens insuperáveis, capazes de produzir lucro e moldados frente as ideologias sociais e políticas.

E na Educação Física Escolar? Sabe-se que, na escola, a concepção de esporte é diferente do esporte de alto nível e que não se pode, e não deve objetivar principalmente o alto desempenho do aluno. Entretanto, pergunta-se: Será que no esporte-educação, praticado fundamentalmente na escola, também não é recomendável a utilização de conhecimento psicológico específico objetivando maximizar princípios educacionais como participação, cooperação, co-educação, entre outros?

Segundo Galvão, Rodrigues e Mota e Silva (2005, p.180), o esporte-educação, praticado fundamentalmente na escola, tem por finalidade “democratizar e gerar cultura pelo movimento de expressão do indivíduo em ação como manifestação social e de exercício crítico da cidadania, evitando a exclusão e a competitividade exacerbada”. Conforme Böhme, (2003, p. 99) “O esporte educacional tem um caráter formativo, fundamentado em princípios educacionais como participação, cooperação, co-educação, totalidade, regionalização e integração”.

Não somos contrários ao esporte de rendimento profissional que, sabe-se, gera oportunidades e integram grupos de diferentes culturas, mas por outro lado, comungamos com Buriti e Buriti (2000, p. 48) quando defendem as seguintes posições:

[...] o esporte sofre os perigos de interesse pessoais, institucionais e de grupos que agem como instrumento de poder social e institucional. Para superar esta situação parecem necessárias medidas de caráter educacional, formativo e administrativo, para que o esporte assuma um papel socializante de formação educacional, com comportamentos sociais condizentes com os valores morais e éticos (...) O esporte, ao longo dos anos, tem perdido parte de suas características lúdicas, reproduzindo uma verdadeira concentração de esforços em busca, apenas, de rendimento, competição e elitização, identificando-se, até mesmo, com as tendências da sociedade industrial, refletindo, assim, todos os fenômenos sociais, transformando-o, cada vez mais, em um produto, da sociedade individualista, a serviço da propaganda política e das classes dominantes.

Também Valle e Guareschi (2003, p. 261) afirmam que “a prática esportiva constituída como uma prática cultural valoriza o sucesso e a otimização da *performance*, geralmente relegando as virtudes dos sujeitos a um plano secundário”.

Nesse contexto, entende-se que a utilização de técnicas e estratégias psicológicas também devem ser utilizadas no esporte escolar, não para afrontar a subjetividade do esportista na escola, mas, pelo contrário, aplicação de conhecimento psicológico específico que venha possibilitar o professor a conhecer o aluno e, por conseqüência, facilitar a maximização da sua aprendizagem.

Segundo Machado (2001), os cursos de graduação em Educação Física têm desenvolvido os conhecimentos sobre algumas ciências humanas e sociais, incluindo a Psicologia, com as bases de suas matrizes clássicas, sem as articulações e contextualizações necessárias para a compreensão da/na prática da Educação Física.

Para o autor, a Psicologia adotada num curso de Educação Física precisa privilegiar uma pedagogia de condutas motrizes que envolvem outras dimensões além da biomecânica. Devem-se considerar as dimensões afetivas, o relacionamento cognitivo e expressivo, os processos de tomada de decisões, as interações humanas e tudo isso merece melhor tratamento na formação. Neste sentido, além dos conteúdos da Psicologia Geral, da Psicologia da Educação e da Psicologia Social, o profissional da Educação Física precisa de um conhecimento mais específico, elaborado, subsidiado pelos conhecimentos da Psicologia do Esporte.

[...] necessitamos, em nossa formação, de instrumentos que nos apontem os caminhos do desenvolvimento humano, da inteligência, da vida afetiva, dos grupos e agrupamentos sociais, de nossas instituições e identidades, de nossa sexualidade e da dos outros. Estudar psicologia em nossa graduação nos deve orientar a uma melhor leitura da realidade, compreendida como ela é: a nossa família, escola e meios de comunicação, as fases de nossas vidas e a introdução dos encaminhamentos à atividade física dirigida, seja na escola, seja em clubes e agremiações (MACHADO, 2001, p. 133).

Sabe-se que no esporte escolar o principal objetivo é analisar por um lado, os processos de ensino-aprendizagem e, por outro, os processos de educação e socialização, desenvolvendo competências pedagógicas e psicossociais tanto de professores quanto de alunos preparando-os para a cidadania.

Nesse contexto, abrimos parênteses para refletir sobre a importância do futuro docente de Educação Física conhecer os constructos psicológicos existentes e, em particular o da motivação humana que, sabe-se, tem papel de destaque na Psicologia Educacional,

Conforme Angelini (1973, p. 3) “Em contraste com o processo da frustração, o processo da motivação produz comportamento que é um meio para um fim, e a continuidade ou descontinuidade do comportamento instigado pela motivação depende da natureza do fim a obter”.

Esse princípio psicológico, segundo o qual nenhum comportamento existe sem uma causa motivadora que o determine, é sem dúvida, de suma importância que o futuro docente compreenda a ação individual do aluno, bem como as coletivas durante o exercício da sua profissão, haja vista que o próprio Young, em publicação (Motivation. In Harriman, P. L. -

encyclopedia of Psychol. New York), é quem realça o valor da motivação em todos os campos da Psicologia Aplicada. Com referência ao da Psicologia Educacional, esse autor acentua os problemas concernentes à relativa eficiência de certos incentivos comumente usados na escola, como o elogio e a censura, a recompensa e a punição, o sucesso e o malogro, a competição e a cooperação, o conhecimento ou não dos resultados do trabalho anterior, etc.

Assim, para o futuro educador na Educação Física, o estudo da motivação humana representa uma necessidade amplamente reconhecida, principalmente na sociedade democrática onde o conteúdo e os métodos da educação devem, sempre que possível, respeitar os motivos individuais e os da comunidade em que vive o educando. O mestre, como orientador das atividades dos alunos, é o mediador entre os motivos individuais e os legítimos alvos a serem alcançados. Mais do que isso, compete ao professor, como agente socializador, inculcar nos indivíduos os padrões da cultura, a fim de que certas necessidades sejam desenvolvidas, determinando a aquisição, por parte dos educandos, daqueles tipos de comportamento que garantam um ajustamento social eficiente.

Nesse contexto, quando ao futuro docente de Educação Física é repassado os mecanismos que determinam o comportamento do aluno, aquele compreende e desvenda o segredo do controle da atitude do aluno em sala de aula.

E continua Angelini (1973, p. 4):

O problema da motivação na escola não se limitam à motivação da aprendizagem, ainda que este setor seja de fundamental importância. Grande parte dos problemas da escola tem sua origem nos problemas da motivação: a tarefa de diagnosticar os interesses dos alunos e de considerar as diferenças individuais nesse aspecto: a harmonia entre as atividades escolares em geral e os interesses sobretudo nas tarefas extracurriculares; o problema da disciplina; certos desvios da personalidade; casos de desajustamento; o problema da fadiga ou do aborrecimento são alguns dos mais importantes que poderiam ser acrescidos ao da motivação da aprendizagem propriamente dita e que, constantemente, desafiam os conhecimentos dos professores.

Existirão alguns motivos mais intensos e outros menos intensos na determinação da conduta humana? Qual será a força relativa de tais motivos? Como poderá ser avaliada a intensidade de cada motivo em particular? Haverá diferenças individuais quanto à intensidade dos motivos?

Essas e outras questões semelhantes, consubstanciando o problema da medida da motivação humana, têm desafiado os psicólogos, principalmente os que se preocupam com os aspectos relativos à dinâmica do comportamento e é importante que sejam repassadas para o docente de educação física na sua formação inicial para que possam avaliar quais motivos são

mais determinantes no comportamento do aluno.

Na abordagem do constructo da motivação consideramos importante que também se repasse ao futuro docente o “Motivo de Realização”.

O motivo de realização pode ser definido, em termos gerais, como o motivo que leva à competição com um padrão de excelência.

O autor Angelini (1973, p. 37) nos informa que:

Alto motivo de realização possui o indivíduo que, frequentemente, por palavras ou ações, demonstra seu desejo de atingir com sucesso um padrão de excelência. A competição bem sucedida em relação a outras pessoas, ou em termos de padrões sociais, seria acompanhada de sentimento de sucesso e o indivíduo com alta motivação indica seu interesse nesse sentido. Muitas vezes, esse motivo se revela no desejo de realizar algo único, que implica em sucesso pessoal ou indica realização a longo prazo, com antecipação do resultado promissor. Alcançar o sucesso será, portanto, uma forma de satisfazer a necessidade criada por esse motivo, enquanto que malograr na realização será uma forma de acentuar, ainda mais essa necessidade. Por isso, situações que envolvem sucesso ou malogro tem sido criadas para provocar experimentalmente intensidades diferentes do motivo de realização.

Condição importante para despertar o motivo de realização, é, pois, a presença de certas situações, frente às quais o indivíduo poderá vencer ou malograr, realizar bem, ou sofrivelmente.

Nas atividades escolares, o motivo de realização, tal como foi conceituado, tem uma importância muito grande. Fácil é reconhecer, nesse setor, diversas situações de competição com padrões de excelência: a obtenção de notas; o exercício feito para alcançar, nos vários ramos do conhecimento, níveis de realização ambicionados pelo estudante; a conquista do prestígio; a liderança no grupo; o sucesso em função das expectativas dos mestres, dos familiares, dos amigos, etc., são alguns exemplos onde atua o motivo de realização.

O conhecimento mais aprofundado desse motivo e a sua avaliação têm, pois, um significado muito grande para o trabalho escolar, assim como o tem a possibilidade de se criarem situações que apelem para o motivo em causa.

Por outro lado, vale aqui lembrar, recente descoberta da existência da inteligência emocional, que determina ou não o sucesso do indivíduo, aluno na vida, escola. Teoria que questionou a tradicional visão da inteligência coloca o controle das emoções como requisito para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo.

Teste psicotécnico que avalia a inteligência é baseado no seguinte procedimento: 1) É negada a existência de qualquer tipo de dom intelectual; 2) É elaborada uma série de questões-problema, das quais são selecionadas aquelas que têm a maior capacidade de diferenciação e, a partir delas, uma "bateria de testes" é construída; 3) Com base na análise

estatística dos resultados de um grande número de tentativas, o número de problemas adequadamente resolvidos que estão incluídos nessa bateria é correlacionado com idade, raça ou classe social das pessoas que estiverem sendo testadas. Uma porcentagem fixa de soluções, empiricamente determinada, é usada como unidade, e um desvio dessa unidade é registrado como uma fração que expressa o quociente de inteligência (QI) de dado indivíduo ou grupo.

A fragilidade na metodologia de tais testes vinha sendo apontada desde muito tempo e a recente descoberta da existência da inteligência emocional, conceito elaborado a partir do trabalho desenvolvido por Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, em 1985, nomeado de Teoria das Inteligências Múltiplas e que compreende a inteligência lingüística, inteligência musical, inteligência lógico-matemática, inteligência espacial, inteligência cinestésica, inteligência interpessoal e inteligência intrapessoal, questionou a tradicional visão da inteligência e a constatação de que todos os indivíduos são capazes em cada um dos 7 (sete) campos de atuação, veio corroborar no sentido de dar descrédito a teste psicotécnico que visa mensurar o grau de inteligência.

Embora o próprio criador dos testes de inteligência em Alfred Binet (1908) tenha reconhecido que o teste era muito limitado tendo em vista a amplitude da inteligência humana, foram os estudos do psicólogo Howard Gardner que consolidaram a idéia da limitação dos testes que priorizavam o raciocínio lógico-matemático e lingüístico, valorizando diferentes atuações em culturas diversas. A inteligência foi definida então como a capacidade de resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais. Dessa forma, combateu a idéia da inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação. De acordo com a teoria, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que elas se combinam e organizam, e se utilizam dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos. Embora independam, até certo ponto, uma das outras, elas raramente funcionam isoladamente.

A partir do trabalho de Gardner, que desafiou a teoria de uma inteligência única, vários outros trabalhos foram desenvolvidos, porém o mais destacado foi o do psicólogo Daniel Goleman, intitulado Inteligência Emocional. Tal teoria coloca o controle das emoções como requisito para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo, e que esse controle pode ser trabalhado. Segundo o autor, a incapacidade de lidar com as próprias emoções pode destruir vidas ou pôr fim as carreiras potenciais. A inteligência emocional seria a resposta para o sucesso de pessoas com um QI mediano e o fracasso daquelas que possuem um quociente intelectual alto. Aptidões como autocontrole, zelo, persistência e capacidade de

automotivação fazem a diferença e contribuem decisivamente para o sucesso.

A teoria de Goleman propõe levar a inteligência à emoção. Para o autor, ser inteligente é colocar as emoções no centro das aptidões para viver. Reconhecendo que “temperamento não é destino”, o ser humano pode desenvolver sua inteligência emocional. Ao aprender que o problema reside na adequação da emoção e sua manifestação, e não na emocionalidade, é possível desenvolver a capacidade de controlar as emoções e colocá-las a serviço do indivíduo. Goleman afirma que há decisões muito importantes para serem deixadas apenas a cargo do intelecto. Em decisões e ações, a emoção pesa tanto – ou mais – do que a razão. “Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum”, afirma.

No livro “Inteligência Emocional”, Daniel Goleman afirma que há inúmeras exceções à regra que considera o QI fator de sucesso. Diz que o QI contribui com cerca de 20% para os fatores que determinam o sucesso na vida. Os restantes 80% ficam a cargo de outras variáveis.

Diante disso é válido repassar, mais pormenorizadamente, aos futuros docentes de Educação Física, para aplicação na educação esportiva escolar, o conhecimento psicológico aplicado ao Esporte de alguns profissionais da Educação Física e treinadores desportivos, que desenvolvem trabalhos com atletas de modalidades esportivas de alto rendimento.

Salientando a importância do repasse de conhecimento psicológico aos futuros docentes de Educação Física, contribuindo não somente para um aperfeiçoamento da técnica em si mesma, como também, e, sobretudo, para um avanço considerável na aprendizagem do aluno.

Nesse contexto, é fundamental que o futuro docente de Educação Física receba o máximo de repasse deste conhecimento em psicologia já na sua formação inicial para que possa utilizar princípios e ferramentas psicológicas no contexto esportivo, independentemente da necessidade de participar de cursos de Pós-Graduação e/ou Especialização que procuram sanar essa carência.

2.9 QUESTÕES CRÍTICAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Apresentamos alguns problemas que poderão ser vivenciados pelo professor em sala de aula com solução no conhecimento psicológico repassado na formação do docente de Educação Física.

a) Como criar um programa para eliminar impotência de aprendizagem em uma sala de aula utilizando-se conhecimento psicológico repassado ao docente na sua formação inicial?

Procurando entender o motivo que ensejou a pessoa estar matriculado naquela sala de aula, considerando que o motivo também muda com o tempo, estruturar e procurar melhorar o ambiente de ensino e treinamento que venha satisfazer as necessidades de todos os participantes; fazer ajuste individual dentro do grupo após elaboração e aplicação de questionário individual visando conhecer melhor os diversos motivos da impotência aprendida verificada. Como líder, o professor deve reconhecer que sua atitude é essencial e influencia, direta ou indiretamente, a motivação dos participantes.

b) Como adaptar estratégias de treinamento para alunos que estejam tentando lidar com estresse e ansiedade?

Sabe-se que ansiedade e o estresse podem interferir de forma significativa no rendimento dos alunos, ou seja, na capacidade das pessoas de compreender o que está sendo transmitido. Assim, é de extrema importância que o aluno tenha domínio de seu aspecto psicológico.

É de se concluir que, indubitavelmente, ocorre interferência da ansiedade e do estresse no desempenho dos alunos, sendo necessário controlar e direcionar este estado psicológico para um nível que potencialize a performance do indivíduo.

Nesse contexto, deve existir por parte do educador uma preocupação grande em relação ao estado psicológico dos alunos, haja vista que o desempenho do aluno na aprendizagem engloba, sobretudo, os aspectos emocionais. Por isso, calcados no conhecimento psicológico adquirido na sua formação inicial, o docente será capaz de identificar a combinação ideal das emoções envolvidas na ativação, bem como o modo como fatores pessoais e situacionais interagem, para equacionar a melhor estratégia a ser desenvolvida.

Assim, as causas e os efeitos dos processos psíquicos que acometem o indivíduo antes, durante e depois de uma atividade pode e deve ser monitorada durante todo o seu percurso, principalmente os fatores psicológicos que ocorrem com mais frequência como o estresse e a ansiedade, entre outros.

Nessa perspectiva, devemos ajudar o aluno a controlar a ansiedade e o estresse conversando com ele, fazendo-lhe crer na sua capacidade de desempenho, criando um ambiente positivo, mesmo em situações de erros, derrotas e contratempos oferecendo orientação positiva, para que a pessoa aprenda a lidar com a sua ansiedade e tensão.

Exemplificando podemos ensiná-lo a regular sua respiração e/ou fazer relaxamento,

utilizando e ensinando técnicas psicológicas para reduzir o nível de estresse emocional e de ansiedade, e até como preparo pré-psicológico poderemos antecipadamente simular situações em que a pessoa vivencia momentos de intensa tensão para que se acostume a lidar com a sua ansiedade.

c) Você está preparando a prova bimestral para aplicar em sua turma de aula. Você sabe que alguns de seus alunos ficarão tensos e ansiosos durante a prova. Que tipos de técnicas e estratégias você empregaria para aprontar seus alunos para esta prova e outras futuras que venham ocorrer em suas vidas profissionais?

Procuraria treiná-los objetivando aumentar a probabilidade de colocá-los em estado de fluência. Para tanto motivá-los a atuar sem medo, alertando-os quanto a estarem capacitados na resolução da prova, isto é, equilíbrio entre habilidade e desafio, e terem confiança em si mesmo.

Nesse contexto, a ansiedade e o medo do fracasso podem estar repercutindo num aumento da ativação negativa, deteriorando o desempenho dos alunos na prova. Nessa perspectiva, treiná-los previamente durante todo o ano letivo, desenvolvendo uma combinação de diferentes técnicas psicológicas com a finalidade de ajudá-los a controlar suas emoções e manter a concentração durante toda e qualquer tipo de atividade. Exemplificando, um bom instrumento seria o feedback de execução, visando auxiliar os alunos a reconhecerem quais os fatores que atuam negativamente no seu rendimento, ou seja, capacitá-los a avaliar seu próprio nível de ativação, para que no dia da prova possam desenvolver e aplicar as estratégias de confronto apropriadas previamente treinadas que venham minimizar o estresse e a ansiedade situacional verificada.

d) Você é professor e quer criar mais unidade dentro de sua sala de aula porque você sente que isso aumentará o desejo das pessoas de comparecer à aula e participar. O que você faria (e por que) para ajudar a criar o senso de unidade da turma?

Estabelecimento de regras positivas, ou seja, que não sejam arbitrárias, mas sim que, se possível, sejam pré-estabelecidas por toda a turma e atue de modo que os alunos percebam que estão sendo tratados com justiça igualitária. Promover o maior número de encontros formais e informais entre membros da equipe, haja vista que aumenta-se a probabilidade de pessoas se vincularem quando estão próximas uma das outras, aumenta a interação e a comunicação. Finalmente, procure avaliar como anda a unidade da equipe aplicando, periodicamente, por exemplo, questionários para elaboração de sociogramas.

e) Você é o novo professor de uma turma de uma escola do ensino médio que tinha muita desavença e lutas internas no ano anterior. O que você faria antes e durante o ano para

desenvolver coesão relacionada à tarefa e coesão social em sua turma?

A união ou coesão de uma turma é de fundamental importância para o bom desempenho da turma. As desavenças internas da turma evidenciam falta de coesão social o que, conseqüentemente, também prejudicará a coesão relacionada à tarefa. Assim, sabendo-se que a satisfação individual proporciona maior coesão no grupo, ou seja, satisfação pessoal e coesão se auto-realimentam em círculo, atuando-se no sentido de melhorar e aumentar o nível de auto-motivação e capacidade individual dos integrantes da turma, certamente se terá como resultado aumento da coesão social tanto quanto da coesão relacionada à tarefa. Com o mesmo objetivo deve-se dar apoio positivo mesmo quando o aluno erra e não está atuando bem, ao invés de dar apoio negativo e crítica destrutiva.

f) Você é o novo professor e quer entender melhor as relações pessoais entre seus alunos a fim de poder melhorar suas estratégias de ensino. Você acha que um sociograma poderia ser uma boa forma de alcançar este objetivo?

O sociograma é uma técnica, ou seja, um sistema de avaliação, de atração-repulsão que ocorre entre os membros de um grupo/equipe. A técnica se resume em perguntar a cada membro do grupo/equipe que outros membros escolheria ou rejeitaria para desenvolver alguma tarefa conjunta. O sociograma mede a coesão social, revelando a afiliação e a atração entre os membros do grupo. Com análise do sociograma podemos concluir a existência ou não de “panelinhas” no grupo; percepção dos membros acerca da união do grupo; o grau em que os atletas percebem sentimentos interpessoais da mesma forma; a existência ou não de isolamento social de membros individuais do grupo; grau de atração do grupo.

g) Você foi contratado como diretor de uma escola. Você quer assegurar-se de que seus professores sejam líderes efetivos para com os alunos. Você decide aplicar o seu conhecimento psicológico adquirido no seu curso de formação fazendo um treinamento de habilidades psicológicas (THP) com os professores. Descreva que princípios e informações que você incluiria em seu treinamento para assegurar que os professores novatos se tornem líderes efetivos.

Sabe-se que traços pessoais por si só não são os responsáveis pela liderança e que podemos adotar estratégias gerais para produzir liderança mais efetiva. Assim, as seguintes informações devem ser repassadas no treinamento para os professores:

Para que sua equipe de colaboradores consiga atingir os objetivos pré-estabelecidos será necessário organização e colaboração entre todos. Por esse motivo, o papel do líder se torna primordial, pois ele será o responsável em organizar, comandar e incutir o sentimento de trabalho em equipe e responsabilidade em seus colaboradores.

É necessário que o líder apresente várias características, entre elas: automotivação, humildade, responsabilidade, integridade, valores éticos, flexibilidade e procurar interagir com os atletas.

O líder efetivo deverá atuar de forma dinâmica e simples e sempre se questionando: sobre a congruência na sua liderança, se realmente escuta os seus liderados, como pode descobrir os desejos do seu time e se está motivando ou não sua.

Resumindo, o líder efetivo deve ser capaz de criar estratégias e apontar o rumo na qual a equipe deve se dirigir para alcançar o sucesso. Sabe-se que um líder não é formado em curto espaço de tempo. Portanto, um bom programa de treinamento deve incluir ações que fomentem a revisão de valores e crenças, estimulando mudanças de atitudes. Inculcar no aprendiz a futuro líder que conceitos e preconceitos devem ser colocados na mesa para serem revistos e reavaliados.

h) Como professor você foi solicitado a criar um guia para professores em uma escola para ajudá-los a comunicarem-se mais efetivamente com seus alunos. Baseado no conhecimento que você sabe sobre comunicação efetiva, adquirido na sua formação inicial, quais são as orientações mais importantes que você incluiria em seu guia? Além disso, que barreiras teriam maior probabilidade de prejudicar a comunicação efetiva?

Professores desempenham um papel fundamental na preparação de seus alunos. Entre outras ações relevantes, a comunicação professor/aluno deve ser uma fonte orientadora para soluções de problemas e não causadora de stress de modo prejudicial onde o professor comunica somente aspectos negativos privilegia determinados alunos, não reconhece o esforço do aluno, grita ou reclama muito e não aponta soluções.

Para uma comunicação eficaz o guia orientará o técnico no processo de intervenção durante a emissão de informação para que saiba o que dizer, quando e como o dizer e que essa informação seja audível, tenha o nome do receptor indicado e que seja possível ao receptor interpretação da mensagem de forma apropriada.

O guia orientará os treinadores a primeiramente interpretarem as necessidades e as respostas dos atletas no treino ou durante a competição, haja vista que o processo de comunicação não resulta apenas da ação, mas antes da ação conjunta de treinadores e atletas sobre um conteúdo numa determinada situação. Numa comunicação aprimorada os treinadores devem saber que os atletas são uma das fontes mais importantes de aprendizagem e desenvolvimento da capacidade instrucional do treinador.

Weinberg e Gould (2001) descrevem as seguintes diretrizes para os treinadores desenvolverem uma comunicação efetiva:

- transmita as razões pelas quais espera (ou não espera) certos comportamentos de seus atletas;

- use um estilo de comunicação que seja mais adequado com sua personalidade e sua metodologia de ensino. Não tente copiar o estilo de comunicação de outro professor apenas porque ele se comunica bem;

- aprenda a se tornar mais empático, colocando-se no lugar de seus atletas. Demonstre preocupação por eles e procure entendê-los;

- comunique-se de forma positiva, o que inclui o uso de elogios, encorajamento, apoio e reforço positivo;

- sempre retribua o cumprimento dos atletas;

- seja consistente ao administrar disciplina;

- seja sincero e coerente;

- fale de maneira clara e objetiva: a) organizando suas idéias antes de falar com os atletas; b) explicando tudo detalhadamente, mas sem fazer monólogos longos e cansativos; e c) usando uma linguagem que os jogadores compreendam;

- diga em alto e bom tom e repita suas recomendações;

- escute atenta e ativamente os atletas;

- lembre-se de não julgar um orador pela aparência ou reputação;

- “escute com seus olhos”, observando a linguagem do corpo;

- demonstre respeito e consideração;

- formule perguntas para estimular os atletas a expressarem suas idéias e sentimentos;

- crie condições favoráveis para que o atleta sinta-se à vontade na sua presença e para que a comunicação flua livremente.

i) Como professor, você acabou de ter uma breve confrontação com um aluno. Ele saiu intempestivamente da sala de aula, sentindo-se furioso e aborrecido. Logo você vai encontrar-se com o aluno e provavelmente terá que confrontá-lo em relação a seu comportamento – e possivelmente puni-lo por suas atitudes. Como você se prepararia para esse encontro e que princípios você empregaria para tornar essa confrontação um encontro positivo?

Uma confrontação quando adequadamente usada pode ajudar os envolvidos a entenderem e resolverem o problema instituído. Assim deve-se ter muito cuidado na hora da comunicação professor/aluno, procurando dar tempo para diminuição da irritação inicial antes do momento da confrontação. Para evitar que a diferença de poder entre professor/aluno possa intervir na confrontação, o professor deverá dialogar com calma, com cautela, sem procurar dominar o aluno, mas sim objetivando resolver o problema, esclarecendo da necessidade de

alertá-lo sobre o erro para que, em futuras situações, possa melhorar seu desempenho, informando-lhe como agir acertadamente numa outra situação semelhante em vez de simplesmente criticá-lo. Em resumo, tornar clara a mensagem ao aluno, passando-lhe um feedback instrutivo, sem envergonhá-lo, menosprezá-lo ou causar constrangimento que só contribuiriam para diminuição da auto-estima do aluno e prejuízo à confrontação.

j) Você como professor decide implementar um programa de treinamento das habilidades psicológicas (THP) iniciando em um período fora de temporada. Como você fará? Quais são alguns dos perigos potenciais sobre os quais você deve estar ciente e o que você fará para superá-los?

Devemos estar cientes de que aprender novas habilidades psicológicas requer um período de tempo considerável. Primeiramente avaliar-se-á as necessidades e os objetivos das habilidades psicológicas para delinear-se quais estratégias devem ser adotadas. Definidas as estratégias, segue-se o THP perseguidas como controle da ansiedade, atenção, mentalização, autoconfiança, regulação da ativação, estabelecimento de metas, entre outras. Criado o programa de definição das estratégias para alcançar o objetivo desejado, colocado em prática, é extremamente importante que se avalie periodicamente o progresso do desempenho do programa e que se forneça aos alunos o resultado da avaliação bem como feedback positivo e instrutivo com relação a ele, ficando atento para possível necessidade de modificação quando necessário, inclusive por sugestões oriundas dos próprios participantes. Perigos potenciais podem surgir que vejam prejudicar a implementação do programa. Entre eles o pouco tempo dispensado ao THP, a falta de convicção dos alunos quanto ao resultado positivo do THP, a falta de acompanhamento e avaliação do programa em andamento, entre outras.

k) Em sala de aula, em determinadas situações, você fica ansioso e sabe o quanto sua ansiedade tem um efeito negativo sobre seu desempenho. O que você pode fazer para preparar-se para controlar mais efetivamente sua ansiedade excessiva?

Sabe-se que a ansiedade excessiva pode produzir tensão muscular e/ou pensamentos e cognições inadequadas, ansiedade somática e ansiedade cognitiva, o que, por consequência, prejudica o desempenho. Assim, o primeiro passo é verificar quais estressores específicos estão ocasionando a ansiedade e estresse. Quando seguramente se sabe que a ansiedade é de origem somática, a utilização de técnicas de redução da ansiedade somática como o relaxamento progressivo, controle da respiração, e treinamento para tomada de consciência e controle de respostas fisiológicas certamente diminuirá ou eliminará a ansiedade ou, quando se tem certeza tratar-se de ansiedade cognitiva, técnicas para o relaxamento da mente como o

método de Benson entre outras deve ser utilizada. Por outro lado, não se tendo certeza quanto a ser somática ou cognitiva, até pela produção de efeitos cruzados, técnicas de relaxamento da ansiedade somática produzem diminuições na ansiedade cognitiva e vice-versa, estudiosos do assunto têm recomendado a utilização de pacotes multimodais para redução da ansiedade. Também podemos complementar o uso das técnicas e estratégias psicológicas utilizando procedimentos específicos que visem inibir o estresse e ansiedade, como o treino sob pressão para simular e treinar situações estressantes, foco de atenção no presente, pensamento em ações do passado e o que poderá ocorrer no futuro geralmente aumentam a ansiedade, entre outros.

l) Se você quer usar a mentalização para ajudar a melhorar seu desempenho em sala de aula, como você estabeleceria um programa de treinamento para você mesmo?

É recomendável para um maior rendimento no treinamento da mentalização que ela seja adaptada, individualizada no sentido de ir ao encontro às capacidades e às necessidades do agente. Assim, como primeiro passo avaliaria o nível de habilidade de mentalização e para dar efetividade à mentalização, ela deve tornar-se uma rotina diária. Ato contínuo, em ambiente que me proporcione à menor probabilidade de desvio de atenção, precedido de uma técnica de relaxamento, seja relaxamento progressivo, respiração profunda, entre outras, iniciaria o processo de mentalização, utilizaria todos os meus sentidos objetivando visualizar a aula a ser dada de maneira mais próxima do real possível.

m) Como professor, você quer usar mentalização com uma turma, mas os alunos são um pouco céticos acerca de sua efetividade. Usando relatos empíricos, estudos de caso e evidências de experiências, convença-os de que a mentalização seria um grande acréscimo para tornar a experiência de aula mais positiva.

Inúmeros trabalhos científicos e empíricos têm sido publicados apontando a mentalização como fator importante no desempenho não só em sala de aula, mas também nas várias fases e etapas da vida do homem.

Nesse sentido, dissertação apresentada por Patrícia Barbosa Martins Trichês como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina concluiu que a mentalização juntamente com o exercício aeróbio causaram diminuição significativa do índice de massa corporal entre os adolescentes.

Outros pontos importantes relacionados ao trabalho foram os comentários feitos pelos participantes onde os adolescentes relataram a importância em imaginar o que deveriam comer, a quantidade, acharam muito interessante e passaram a fazer isto rotineiramente. Também utilizavam a mentalização antes das provas, antes de conversas com os pais, entre

outras. Relataram também que após a mentalização ficavam mais dispostos e motivados a praticar exercícios físicos.

No esporte de alto rendimento a grande tenista Chris Evert ensaiava cuidadosamente cada detalhe de uma parte (estratégia, estilo, escolha de saques de sua adversária, entre outras). Ela descreve o uso da mentalização para preparar-se para uma partida nestes termos: “Antes de jogar, tento ensaiar cuidadosamente o que pode acontecer e como reagirei em certas situações. Visualizo-me jogando com base no estilo de jogo de minhas adversárias. Vejo-me fazendo lançamentos velozes e longos a partir da linha de fundo e chegando à rede se a resposta for fraca. Isso ajuda a me preparar para uma partida, e me sinto como se já tivesse jogado a partida mesmo antes de entrar na quadra”.

Finalizando, sabe-se que antes de uma casa ser construída, imagina-se como vai ser a construção, qual o número das dependências. Faz-se o projeto para depois começar as obras. Trabalha-se primeiro com a mente para ter uma imagem clara daquilo que se deseja ver construído. Esse é um exemplo prático do arquétipo mental, conceito usado por Jung para mostrar que tudo é criado duas vezes: primeiro no plano mental e depois no físico.

Assim, quando fazemos uma mentalização, além de utilizar o arquétipo mental, atuamos no plano energético. Já se constatou que o pensamento desprende certa quantidade de energia proporcional à sua intensidade e que tem efeitos tanto no mundo exterior, quanto no seu corpo. Quanto mais concentrados e por mais tempo e vezes imaginamos, mais energia é direcionada para este fim.

Verificamos este efeito fazendo a experiência relatada no livro *Tratado de Yôga*, do escritor De Rose:

1 Coloque algumas sementes de feijão sobre algodão úmido em dois potes. Cada um com a mesma quantidade de algodão, de água e de sementes. Os dois devem receber a mesma quantidade de ar e de luz.

2 Todos os dias, pela manhã e à noite, dirija-se a um grupo de sementes, sempre o mesmo, e mentalize que está crescendo. O conteúdo do outro prato deve ser simplesmente ignorado.

3 No final de uma semana, compare as duas porções de sementes. Em noventa por cento dos casos, aquela que você mentalizou para crescer estará mais desenvolvida que a outra. Perceba que se você tem o poder de influenciar uma planta que está fora do seu corpo, imagine a sua capacidade de transformar-se!

Entretanto, cabe salientar, não basta apenas visualizar. Também é necessário que, ato contínuo, se passe para a concretização da ação efetiva. A ação é o coroamento do arquétipo

mental formado. Primeiro imagine-se realizando a ação requerida. Depois, execute-a várias vezes até aprender.

n) Você é o novo professor de uma turma infantil. Você sente que sua turma tem alunos de grande capacidade de absorver conhecimentos, e você quer ser capaz de desenvolver o talento dos menos favorecidos. Mas você também sabe como é fácil cair na armadilha de criar expectativas diferenciais em relação aos vários alunos. Usando o processo de 4 (quatro) passos para como as expectativas de professor podem influenciar seus próprios comportamentos e o de seus alunos, que tipos específicos de feedback ou instrução você usaria para manter altas as expectativas de todos os seus alunos?

Para que se evitem expectativas incorretas com relação aos seus alunos, o professor deve estar consciente de como chegou até aquela expectativa para evitar avaliação equivocada. Assim, o professor deve considerar o maior número possível de informações sobre os alunos, desempenho anterior, sinais pessoais, testes de habilidades, entre outras, antes da tomada de decisão no que se refere a ter expectativa de desempenho com este ou aquele atleta. Por outro lado, deve o professor ficar atento, monitorando, sistematicamente, a quantidade e qualidade de reforço e feedback positivo e instrutivo repassado, assegurando que a totalidade dos alunos recebam a sua porção devida. Objetivando manter alta a expectativa e eficácia deve-se procurar desenvolver a autoconfiança de todos os alunos e também a autoconfiança grupal. Para isso, manter o ambiente em sala de aula extremamente positivo; estabelecendo metas a curto e a longo prazo realistas e desafiadoras.

o) Às vezes, criamos barreiras psicológicas para nós mesmos não acreditando que podemos realizar alguma coisa. Como o professor poderia controlar as coisas para criar uma expectativa mais positiva?

Quando temos baixa autoconfiança começamos a duvidar do nosso próprio desempenho, ou seja, criamos barreiras psicológicas que só prejudicam o nosso desempenho na realização de determinada tarefa.

Bandura (1990) afirma que a autoconfiança se refere ao grau de firmeza e convicção numa determinada crença, mas sem especificar a situação. Para Weinberg e Gould (2001), a autoconfiança é a crença que o atleta tem nele mesmo de que pode executar com sucesso um comportamento desejado, ele acredita que irá conseguir vencer o desafio. Para Machado (2006), a autoconfiança, quando apresentada em um grau adequado atua positivamente no combate aos sentimentos de medo e de vergonha. O processo de auto-julgamento terá muita importância neste contexto, considerando que atletas confiantes confiam em si mesmos tanto na capacidade de realizar objetivos como na de desenvolver habilidades para tanto. Este

mesmo autor ainda caracteriza a autoconfiança como uma alta expectativa de sucesso, alegando que a mesma pode despertar emoções positivas, como favorecer a concentração, facilitar o estabelecimento de metas, aumentar o esforço destinado à determinada tarefa e fortalecer a focalização de estratégias.

Nesse contexto, devemos desenvolver nossa autoconfiança, ou seja, temos que superar a profecia auto-realizável negativa modificando o momento psicológico negativo para positivo, aumentando nosso índice de expectativa de melhora de desempenho para o nosso nível ideal individualizado, pois conforme a literatura de Weinberg e Gould (2001), manter as expectativas altas preserva a autoconfiança, produzindo um efeito poderoso positivo na performance, possibilitando a superação das barreiras psicológicas.

Para Weinberg e Gould (2001), a autoconfiança pode ser desenvolvida pelo trabalho, pela prática e pelo planejamento. Para eles, pensamentos, sentimentos e comportamentos estão inter-relacionados. Portanto, quanto mais um esportista agir com confiança, maior a probabilidade dele sentir-se confiante. Por outro lado, deve-se ficar atento para saber se as auto-expectativas de desempenho atual e as expectativas futuras de melhora dos alunos condizem com a realidade vivida pelos mesmos, para que estes não venham a sofrer ou manifestar efeitos negativos, como excesso ou falta de confiança, insegurança, medos e anseios.

p) Você como professor pode ajudar seus alunos a evitar a tensão em sala de aula durante a realização de determinada tarefa?

Um aluno submetido a uma demanda situacional, ou seja, uma tarefa em um segundo momento fará uma avaliação cognitiva julgando-a mais ou menos ameaçadora. Caso passe a avaliar a situação como prejudicial ou ameaçadora então, com o tempo, tenderá a tornar-se crônica esta percepção ameaçadora, levando a produzir respostas e alterações fisiológicas e psicológicas entre elas a tensão.

Assim, quando se fala em controle da tensão, está se referindo ao controle dos níveis de ansiedade que experimenta o aluno antes, durante e depois da realização da tarefa. Com o termo tensão se faz referência ao estado afetivo do aluno submetido a influência de duas forças opostas: de um lado o desejo de alcançar algo e do outro todas as dificuldades, tanto internas quanto externas, que isto acarreta. Assim, todo o esforço do aluno para resolver um problema põe o organismo em tensão, a qual, no caso de ser excessiva ou demasiado baixa, se converte em um obstáculo a mais que dificulta a obtenção do resultado desejado, sendo conveniente regulá-la. A tensão excessiva é um obstáculo porque gera ansiedade com o qual se bloqueiam e entorpecem as decisões e respostas do sujeito; o relaxamento excessivo

também é um obstáculo porque fomenta um afrouxamento do corpo, muscular e mental, o que não é congruente com nenhuma atividade devido a que esta sempre requer um mínimo de tensão. Conforme dito no início, quando estamos falando de "tensão mental", é importante levar em conta que esta sempre será influenciada por aspectos subjetivos de cada aluno, já que dependendo da interpretação que ele tenha da situação e das próprias possibilidades, se gerará mais ou menos tensão. Pesquisadores concluíram que a tensão se faz presente através de nossos sistemas bioquímicos, níveis de adrenalina e noradrenalina, e fisiológicos taxa de batimentos cardíacos, pressão sanguínea, tensão muscular, entre outras, assim como de nossa conduta, nervosismo, enjôos, temores, aflição, sensação de angustia, entre outras. Os estímulos que a produzem podem ser de origem biológica mudanças de tipo fisiológico, com independência da interpretação que o sujeito faça delas e/ou psicossocial estímulos que são interpretados pelo próprio sujeito e é esta interpretação que os converte em ansiógenos ou não.

Nesse contexto, necessitamos regular o nível de tensão do aluno para um nível ideal. Para regular o nível de tensão utiliza-se diversas formas de intervenção, conforme segue abaixo:

1) Técnicas de Respiração - Podem ser de 2 tipos "Técnica Respiratória de Fases" e a "Técnica Respiratória Rítmica"; uma respiração adequada irá permitir uma oxigenação mais completa e portanto um melhor funcionamento de todos os sistemas. Conforme nos ensina Lichstein (1988) com a utilização das técnicas respiratórias o que se produziria seria uma Hipercapnia, aumento dos níveis de CO₂ no sangue, e seus efeitos se traduzem numa diminuição da frequência cardíaca, depressão da atividade cortical e sonolência. Devem-se adaptar as técnicas de respiração às características de cada esporte e tipo de competição, para que o desportista as possa utilizar no momento preciso; com as técnicas de respiração o que estamos fazendo é interromper a resposta fisiológica relacionada com o processo de Ativação, ou seja, aumento de tensão.

2) Técnicas de Relaxamento- Existem diversas técnicas de relaxamento, as quais se pode dividir em 2 (dois) grandes grupos: as que partem do corpo para mente e as que atuam de forma contrária, da mente para o corpo; uma das mais conhecidas e utilizadas, é o "Relaxamento Progressivo" (Jacobson 1938), o qual consiste em ensinar ao sujeito a relaxar-se mediante exercícios de tensão e distensão dos diferentes segmentos que formam o corpo; esta técnica pode ser muito útil para os desportistas que apresentam uma grande tensão antes da competição, já que aprendem a reconhecer as sensações que lhe enviam seus músculos e a relaxá-los. Os principais efeitos produzidos pelo relaxamento são: diminuição da atividade

simpática, diminuição da frequência cardíaca, trocas respiratórias com regularização do ritmo respiratório, mudanças nos ritmos cerebrais Alfa e beta e outros efeitos centrados no âmbito cognitivo relacionados com sensações de tranqüilidade, paz e placidez geral. Igualmente às técnicas respiratórias, as técnicas de relaxamento devem se adaptar às características de cada esporte e tipo de competição, para que o atleta as possa utilizar no momento preciso. A respiração consta de dois ciclos: um para dentro, quando inspiras e outro para fora, quando expiras.

3) Técnicas Cognitivas- Outra forma de intervenção é trabalhar no âmbito cognitivo, com o fim de modificar falsas ou errôneas interpretações que o desportista faz dos diferentes estímulos e situações que se apresentam; esta forma de intervenção pode ser muito útil nos casos em que a tensão do desportista se deva basicamente a interpretação que o sujeito faz da situação, normalmente exagerando-a. Em um nível mais operativo e nos esportes e situações que as permitam, é conveniente definir um ritual de execução e que o desportista pense no dito ritual enquanto o realiza isto contribui para que se “percam de vista” estímulos externos que poderiam funcionar como estressores para o mesmo, enquanto, propiciam a concentração e atenção na atividade que se está realizando.

4) Técnicas de Ativação - Na realidade se tem escrito pouco sobre Técnicas de Ativação, de acordo com alguns questionários que se aplicaram entre desportistas (Gould e Jackson 1980), em termos gerais definiram a ativação preparatória como intenção de estar alerta e com o moral alto; nesta definição se pode ver que a ativação basicamente está relacionada com a excitação experimentada imediatamente antes de iniciar a execução.

Para propiciar o aumento dos níveis de Ativação, se pode partir de dois caminhos: o biológico - se provoca o aumento da ativação através de substâncias, não ultrapassando os limites permitidos pelas federações correspondentes; e/ou o psicossocial – quando para ajudar os atletas a lidar com a ocorrência da tensão, pode nos valer da “Modelagem de Tensão” que é uma técnica utilizada para expor o atleta às tensões da competição durante os treinos, para ajudá-lo a enfrentar as tensões no momento da competição em si. Quanto mais real for o trabalho realizado mais eficaz será o resultado. A simulação precisa ser realizada em níveis próximos ao real, para permitir que os sujeitos envolvidos possam vivenciar emoções próximas àquelas que o acompanharão nas partidas

q) O que faria você como professor para ajudar seus alunos a desenvolverem habilidades de concentração em sala de aula?

Para um bom desempenho em qualquer atividade de nossa vida, um bom nível de concentração é condição básica. Sem concentração não conseguimos realizar nenhuma

atividade com bom rendimento. Uma atividade sem concentração ideal é uma atividade sem intensidade e sem coerência, portanto, sem qualidade.

Para iniciarmos o processo de uma boa concentração antes de tudo é necessário auxiliar nosso organismo, corpo e mente a acionar da melhor maneira possível todos os órgãos sensoriais envolvidos na ação, ficarmos em estado de alerta, ou seja, manter nossos órgãos sensoriais em ótimo nível de funcionamento consegue-se a “sensibilização” fazendo exercícios respiratórios e movimentos com grande intensidade e de curta duração, saltito, agitação de braços e mãos, pescoço e outros.

Fatores internos dispersam entre eles a introspecção demasiada, que é pensar excessivamente acerca da sua própria vida, problemas pessoais, preocupação com o sucesso ou fracasso. Assim, para atingir um bom nível de concentração é preciso regular o estado emocional, harmonia da excitação emocional, a fim de evitar tensões, apreensões, nervosismo e outros sentimentos correlatos. Esses sentimentos invadem a nossa mente geram aflição e pensamento negativo, causando impedimento para organizar e sistematizar nossas ações. Assegurar sentimentos compatíveis com a tarefa a ser realizada é pré-requisito para liberar nossa energia psíquica de maneira positiva e nos concentrarmos. Para tanto, nível adequado de relaxamento, controle do estado de ansiedade, confiança e motivação adequada, por exemplo, fazem com que a mente tenha condições favoráveis de trabalhar suavemente, com precisão e com pensamentos positivos.

Também a tensão demasiada no momento de pressão distrai e desvia a nossa mente para longe da boa execução da tarefa e, portanto, devemos procurar controlar o foco sob pressão. A nossa mente deve estar concentrada ao sinal relevante à tarefa ao mesmo tempo em que se desfoca todos os sinais irrelevantes, bem como mantê-lo resistente até o final da tarefa.

Por outro lado, devemos ter consciência da situação, ou seja, dominar a exigência técnica e o plano de ação tática daquilo que se tem a fazer ou parte do que se está aprendendo, será praticamente impossível tentar aumentar rendimento utilizando a concentração na execução de tarefa na qual a não dominamos tática e tecnicamente, para que no momento da ação não seja necessário fazer uma análise excessiva da técnica da atividade, pois quando se pensa demasiadamente em como realizar uma atividade, não é possível concentrar-se nos sinais relevantes do momento e a capacidade de avaliar conscientemente qual a melhor decisão a ser tomada fica prejudicada. Nesse caso recomenda-se o aprimoramento técnico, para que na hora de realizar a tarefa nossa autoconfiança esteja maximizada sem necessidade de ficar pensando em como fazer e assim “desocupando” a mente para concentrar-se nos sinais relevantes do momento. Também a fadiga física e psicológica interfere na manutenção

do foco da ação, pois a fraqueza da força psicofísica e capacidade de relaxar é oposta a concentração.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1 PROCEDIMENTO

Para a realização da pesquisa e objetivando a obtenção de dados optou-se pela utilização de questionário com perguntas previamente estabelecidas (Apêndice).

Primeiramente distribuimos os questionários aos profissionais de Educação Física que atuam no ensino de 1º, 2º, 3º graus e academias de esporte e exercício.

O questionário resume-se a questões que foram desenvolvidas objetivando identificar qual o conhecimento em psicologia adquirido pelos docentes durante sua formação acadêmica inicial, bem como resgatar suas opiniões da necessidade daquele repasse para utilização na sua vida profissional.

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu em dias diferentes, com datas pré-estabelecidas para a realização do questionário, de acordo com a disponibilidade de cada profissional.

Todos os questionários respondidos foram orientados e acompanhados pelo pesquisador.

3.2.1 População/Amostra

O questionário da pesquisa foi aplicado em profissionais de Educação Física atuantes na Região da Grande Florianópolis, não havendo distinção de idade e/ou sexo.

3.2.2 Instrumentos

Para a realização da pesquisa foi elaborado questionário e aplicado em 10 professores de Educação Física.

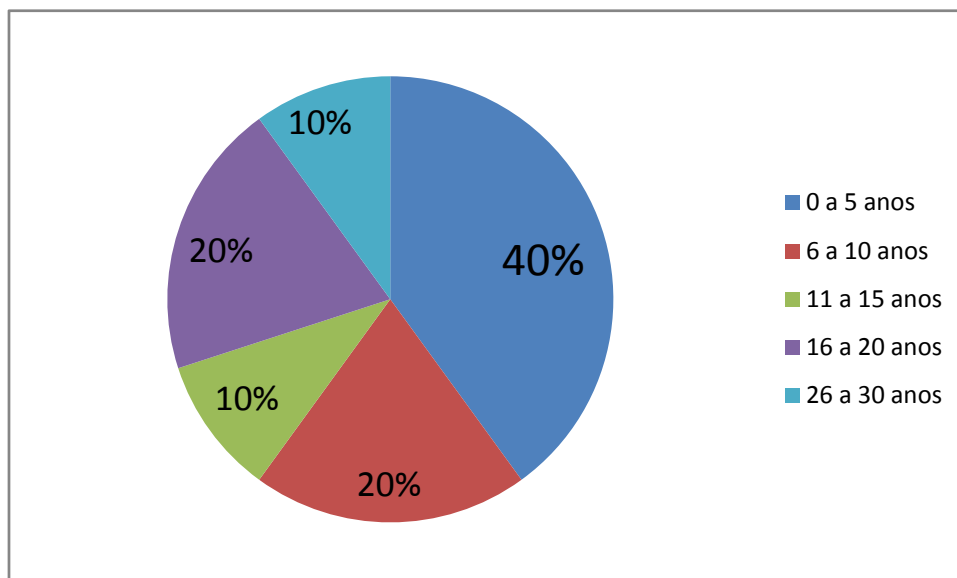
O objetivo do questionário é de, além de identificar o tempo e qual tipo de atuação os profissionais possuem, ter informações referente ao conhecimento em psicologia adquirido pelos profissionais na Graduação em Educação Física e Pós-Graduação e se esses conhecimentos fornecem suporte para a realização do trabalho, seja em salas de aula ou em academias.

3.3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a coleta dos dados, tabularam-se as respostas adquiridas para a confecção de tabelas e gráficos para a análise final.

Inicialmente os professores responderam dados referentes à atuação profissional. Sendo o primeiro quesito o tempo de atuação como profissional de Educação Física, como demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Tempo de Profissão



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que o tempo de atuação predominante entre os profissionais é de 0 a 5 anos.

A Tabela 1 se refere à segunda pergunta respondida pelos professores, referente ao tipo de atuação.

Tabela 1: Tipo de Atuação Profissional

Tipo de Atuação	Nº
Escola Pública	3
Escola Particular	4
Escolas Pública e Particular	1
Instrutor de fitness	1
Treinador esportivo	1

Fonte: Elaborado pelo autor

A maioria dos entrevistados atua em escolas particulares.

A Tabela 2 apresenta as respostas da terceira questão, que questiona quais ensinamentos os profissionais atuam.

Tabela 2: Tipo de Ensino de Atuação Profissional

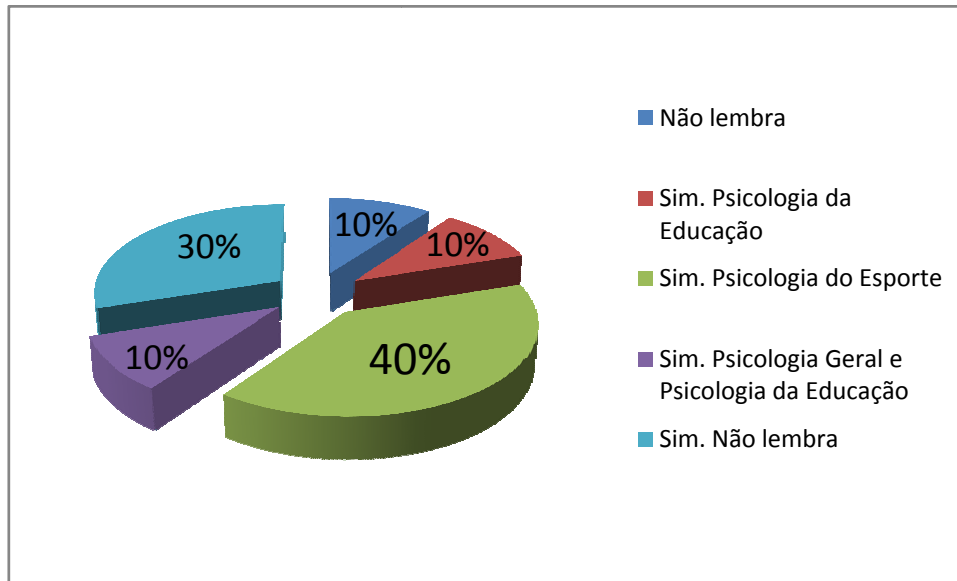
Tipo de Ensino	Nº
Fundamental	3
Médio	1
Fundamental e Médio	3
Médio e Superior	1

Fonte: Elaborado pelo autor

Verifica-se que os níveis de ensino predominantes de atuação são ensino fundamental e o ensino médio.

A quarta pergunta inicia o levantamento sobre a importância do conhecimento psicológico, questionando se o professor cursou alguma disciplina relacionada ao conhecimento psicológico durante sua graduação. Segue abaixo o Gráfico 2 apresentando as respostas.

Gráfico 2: Disciplina no curso de Graduação

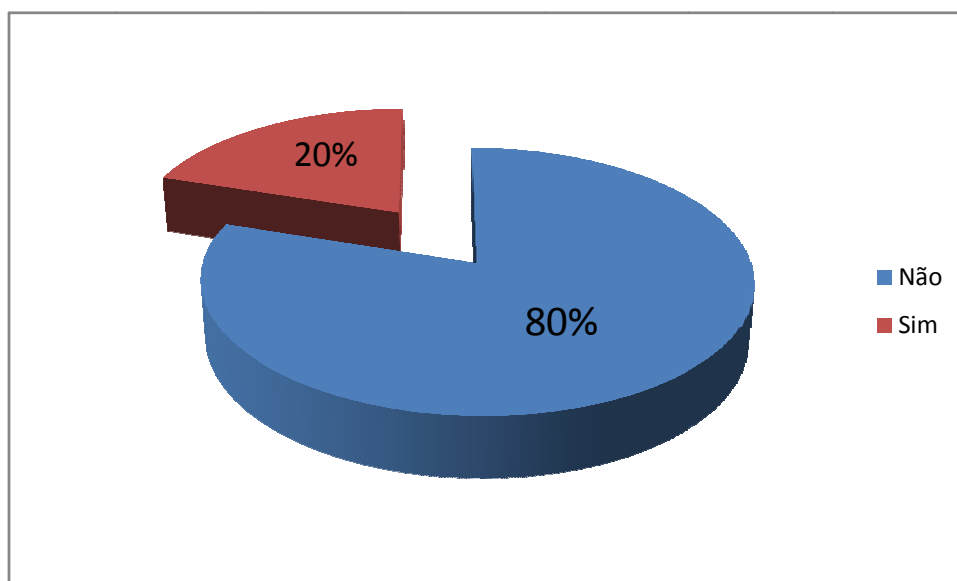


Fonte: Elaborado pelo autor

Constatou-se na coleta dos dados que 90% dos profissionais cursaram na sua graduação alguma disciplina referente à psicologia, sendo que 40% do total cursaram a disciplina Psicologia do Esporte.

Na quinta pergunta os professores responderam se cursaram Pós-Graduação e/ou Especialização em conhecimento psicológico. O Gráfico 3 traz os dados correspondentes.

Gráfico 3: Pós-Graduação e/ou Especialização

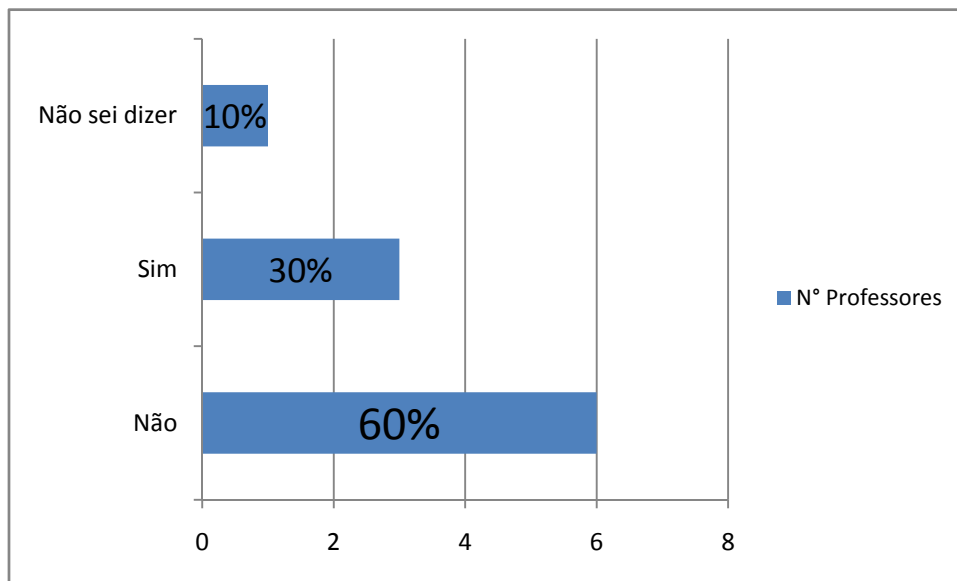


Fonte: Elaborado pelo autor

Verificou-se que apenas 20% dos profissionais cursaram Pós-Graduação e/ou Especialização na área do conhecimento psicológico.

Os professores foram questionados na sexta pergunta se o conhecimento em Psicologia repassado durante a graduação forneceu suporte para a atuação profissional. O Gráfico 4 demonstra as respostas.

Gráfico 4: Conhecimento em Psicologia na Graduação fornece suporte para atuação

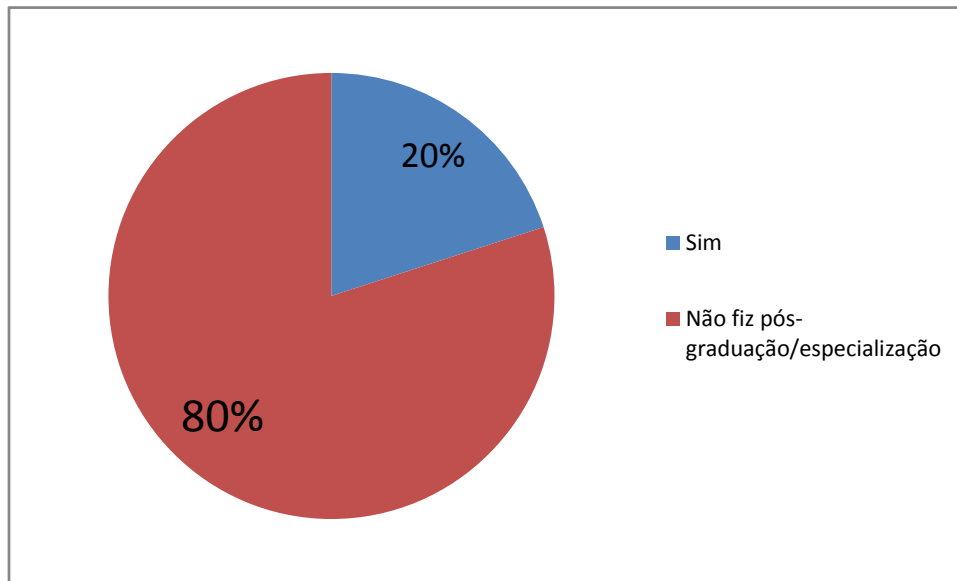


Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se que 60% dos profissionais entendem que o conhecimento em Psicologia repassado durante a graduação não foi suficiente para auxiliar na atuação profissional.

O Gráfico 5 traz as respostas referentes a sétima pergunta, na qual refere-se se o suporte adquirido no curso de Pós-Graduação/Especialização foi suficiente para sua atuação profissional.

Gráfico 5: Conhecimento em Psicologia na Pós-Graduação/Especialização fornece suporte para atuação



Fonte: Elaborado pelo autor

Consta-se que 100% dos professores que cursaram Pós-Graduação e/ou Especialização afirmam que o conhecimento adquirido proporcionou suporte em sua atuação profissional.

A oitava pergunta questiona a opinião do profissional sobre a necessidade do conhecimento psicológico como solução para problemas enfrentados em sala de aula ou se acha imprescindível para “enxergar” o aluno e poder maximizar o repasse/aprendizagem de conhecimento. A Tabela 3 apresenta as informações.

Tabela 3: Importância do conhecimento psicológico

Professores	Respostas
Participante 1	Normalmente consigo resolver os problemas enfrentados e acho desnecessário conhecimento psicológico para o professor de Educação Física
Participante 2	Imprescindível para controlar a atenção e motivar os alunos durante a aula.
Participante 3	Acho importante para poder maximizar o repasse do conhecimento para o aluno.
Participante 4	Acho imprescindível aquele conhecimento voltado à Educação, ou seja, ferramentas psicológicas que ajudam o professor a entender e motivar o aluno para a prática desportiva.

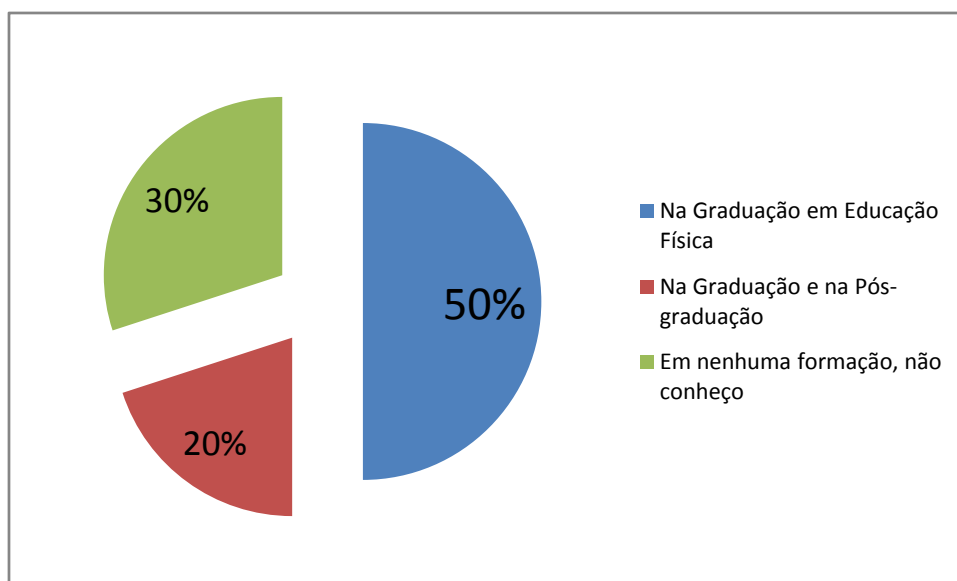
Participante 5	É muito necessário, já que ministro aula para diversas crianças. Acho muito importante saber como motivar e prender a atenção delas.
Participante 6	A psicologia é imprescindível no meu trabalho.
Participante 7	O conhecimento psicológico é fundamental para poder estimular, cativar e entender os alunos.
Participante 8	Acredito que sim.
Participante 9	Penso que é imprescindível, cada atleta tem um ritmo diferente para encarar o treino, trabalhando questões de psicologia é possível despertá-lo para uma motivação antes adormecida.
Participante 10	Acho necessário, porque com algumas crianças é complicado de trabalhar. Talvez se eu tivesse um conhecimento melhor sobre psicologia, conseguiria lidar com essas situações.

Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que 90% dos professores julgam necessário e de grande importância o conhecimento em psicologia para sua atuação, na qual auxilia em diversas situações, tais como: motivação, auxílio no ensino/aprendizagem, maximizar o repasse do conhecimento, entre outros. Sendo apenas 10% dos professores julgam desnecessário o conhecimento psicológico para a sua atuação.

A nona pergunta indaga se o profissional conhece a disciplina específica Psicologia do Esporte. O Gráfico 6 apresenta as respostas desse questionamento.

Gráfico 6: Conhecimento da Psicologia do Esporte

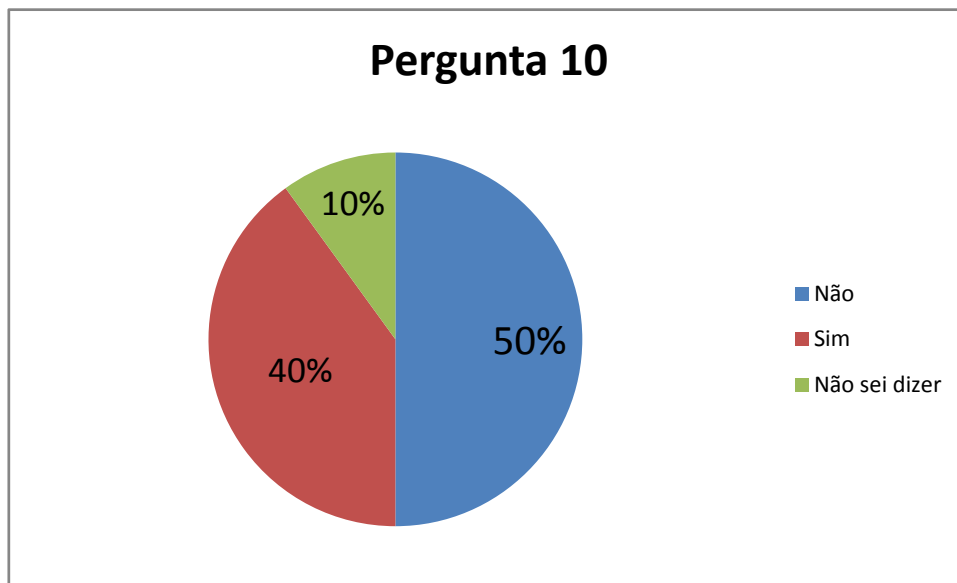


Fonte: Elaborado pelo autor

Verifica-se que 70% dos professores conhece a disciplina Psicologia do Esporte pela Graduação em Educação Física, e 30% não possui conhecimento dessa disciplina.

Na décima pergunta o professor é questionado se o conhecimento que adquiriu na disciplina Psicologia do Esporte forneceu suporte para a sua atuação profissional. O Gráfico 7 demonstra as respostas.

Gráfico 7: Conhecimento em Psicologia do Esporte fornece suporte para atuação



Fonte: Elaborado pelo autor

Para 50% dos profissionais o conhecimento adquirido na disciplina Psicologia do Esporte não forneceu suporte necessário para a atuação profissional. No entanto, 40% afirma que o conhecimento adquirido forneceu o suporte necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo são apresentadas as considerações finais da pesquisa realizada e oferecidas recomendações, consideradas pertinentes, para futuros estudos sobre o tema, haja vista que, não foram abordadas nesta pesquisa, em função das suas limitações.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análises diagnosticam um sistema educacional brasileiro em crise apontando para problemas crônicos existentes nos cursos de formação de professores em geral.

Nesse contexto, a Educação Física tem sofrido modificações tanto em suas concepções na formação acadêmica, quanto na sua prática ao longo de sua história. Procurando sair na contramão deste diagnóstico. No que se refere ao repasse do conhecimento psicológico na formação inicial do docente constatou-se uma dificuldade no preparo psicológico do professor no sentido de conduzir e lidar com o aluno em possível conflito, concluindo-se que o conhecimento psicológico não tem amalhado relevância na formação inicial do profissional de Educação Física. Identifica-se que os docentes recebem na graduação disciplinas básicas nas categorias Psicologia Geral, Psicologia da Educação e Psicologia do Esporte com abordagem de conteúdo superficial, havendo uma avaliação pouco otimista relativa a esse conhecimento, predominando o modelo de racionalidade técnica, no que se refere ao conteúdo nas disciplinas curriculares, e onde as disciplinas teóricas, sociais ou humanas, incluindo assim o conhecimento psicológico, quando abordadas, são lastreadas nas matrizes clássicas, sem a preocupação das contextualizações necessárias à sua prática.

Por outro lado, sabe-se que futuros professores de Educação Física que pretendem atuar como treinadores a falta do conhecimento psicológico específico, certamente levará o professor socorrer-se em cursos de especialização que ofereçam conhecimentos mais específicos para atuar com fenômenos e processos psicológicos que demandam uma preparação psicológica em práticas esportivas competitivas.

Para os docentes que atuarão na iniciação esportiva não-competitiva ou até mesmo no trato com alunos portadores de necessidades especiais conclui-se pelo levantamento realizado neste trabalho, que o repasse daquele conhecimento psicológico aos docentes do curso de

graduação de Educação Física, seja na perspectiva do esporte competitivo, onde a intervenção visa à produção da vitória, seja para utilização na prática pedagógica de atividades de tempo livre, na iniciação esportiva não-competitiva ou até mesmo no trato com alunos portadores de necessidades especiais, é de extrema importância para que o futuro professor de Educação Física esteja apto, além do conhecimento técnico, no manejo de pensamentos e sentimentos do aluno, ou seja, que possa detectar controlar e treinar as habilidades psicológicas dos seus alunos, o que certamente maximizará a aprendizagem escolar e a busca da atividade física e esportiva nos diversos contextos sociais.

Enfim, precisa-se visualizar a Educação Física não só como saúde e aptidão física nos cursos de sua formação, mas também numa perspectiva voltada à cultura corporal de movimento em que a motricidade humana é entendida nas inter-relações culturais e biológicas do movimento humano e valoriza as questões da subjetividade de quem se move, superando a objetividade parcial e mecânica do movimento.

É necessário que o profissional de Educação Física no exercício de sua profissão considere o relacionamento interpessoal aluno/professor como aspecto relevante para a convivência pacífica, “enxergando” o aluno para que possa compreendê-lo e respeitar sua individualidade.

Como ensina Serbino (2000, p. 67):

A confrontação positiva interpessoal é a experiência mais potente de uma interação humana e favorece o crescimento das duas partes envolvidas. Fazer confrontação se assemelha ao que se chama de "dar feedback", e fazer isso de forma adequada, produtiva para quem dá ou recebe, é uma das mais importantes capacidades assertivas a serem desenvolvidas.

Assim, exsurge a toda evidência, a necessidade do repasse de conhecimento psicológico aos futuros docentes de Educação Física, para que este possa entender o momento psicológico de seus alunos, ou seja, diagnosticar e solucionar os agentes bloqueadores e geradores de sua forma de agir.

No entanto, inúmeras questões emergentes estão sendo levantadas e discutidas no meio acadêmico e profissional da área de Educação Física, fato que incentivou a elaboração deste trabalho, verifica-se a relevância de se discutir e refletir sobre os conhecimentos em Psicologia que podem ser aplicados e aproveitados na formação dos docentes, e que, se incrementado, certamente formará docentes na vanguarda do que se espera de um professor do futuro, ou seja, um profissional educador. Um profissional que “enxerga” o aluno,

educando-o na sua integralidade de ser humano para que, inserido na sociedade, este possa se sustentar por um longo período de tempo.

4.2 RECOMENDAÇÕES

Este trabalho de pesquisa certamente não visou esgotar a análise do conhecimento psicológico voltado à Educação Física. Foi elaborado por levantamento teórico aplicado à Educação Física em geral e pesquisa de campo numa pequena amostragem de docentes envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

Sem dúvida, a tarefa demanda continuação de estudos e, neste contexto, recomenda-se:

a) Uma abordagem pontual do conhecimento psicológico aplicado a cada esporte específico.

b) Uma análise mais profunda do “constructo” psicológico – motivação, haja vista que os problemas da motivação da prática do esporte desafiam os conhecimentos dos professores.

c) Estudo pormenorizado sobre o motivo de realização, que objetiva maximizar a aprendizagem e a permanência do aluno da Educação Física e Exercício.

d) Estudo de ferramentas e estratégias psicológicas direcionadas a grupos de alunos com faixas etárias específicas.

REFERÊNCIAS

- ALEGRE, A. N. Formação de professores: a práxis curricular e as competências apresentadas pelas novas Diretrizes Curriculares. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006.
- ANGELINI, A. L. *Motivação Humana*. Rio Janeiro: José Olympio, 1973.
- BÖHME, M. T. S. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Brasília, v. 11, n. 3, p. 97-104, 2003.
- BURITI, M.A.; BURITI, M.S. Esporte, agressividade & adolescência. In: DOBRANSZKI, I. A.; FRANCO, G.S. **Psicologia no esporte e na atividade física**. São Paulo: Manole, 2000.
- DAOLIO, J. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, Supl.2, p.40-42, 1996.
- FREITAS, H. C. L. de. Prefácio. In: AZZI, R.G.; BATISTA, S.H.S.S. da; SADALLA, A.M.F.A (Org.). **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas/SP: Alínea, 2000.
- GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; MOTA E SILVA, E. V. Esporte. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (orgs.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- LAROCCA, P. **Psicologia na formação docente**. Campinas/SP: Alínea, 1999.
- MACHADO, A. A. **Delineamentos da Psicologia do esporte: evolução e aplicação**. Campinas/SP: Tecnograf, 2000.
- MACHADO, A. A. Onde estão e quem são nossos psicólogos do esporte?. **Integração Ensino Pesquisa Extensão**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 11-14, 2001.
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A. O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para a formação. In: ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). **Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. Campinas/SP: Alínea, 2003.

- PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, M.A.L.; ALMEIDA, P.C.A. de; AZZI, R.G. A dimensão teórico-prática da psicologia educacional na formação de professores: a metodologia da problematização como desencadeadora da articulação entre teoria e prática. In: AZZI, R.G.; BATISTA, S.H.S.S. da; SADALLA, A.M.F.A (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.
- PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SADALLA, A.M.F.A, de; BACCHIEGGA, F.; PINA, T.A.; WISNIVESKY, M. Psicologia Licenciatura e saberes docentes: identidade, trajetória e contribuições. In: AZZI, R.G; SADALLA, A.M.F.A (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.
- SAISI, N.B. A Psicologia da Educação na formação do pedagogo: o movimento da disciplina de 1972-1990 e sua articulação com o contexto histórico-cultural. In: Psicologia da Educação. **Revista do programa de estudos pós-graduados**. São Paulo, n. 17, p. 88, 2003.
- SOUZA, S. J.; KRAMER, S. O debate Piaget e Vygotsky e as políticas educacionais. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 77, p. 69-81, mai. 1991.
- TRICHÊS, P. B. M. **Mentalização e Aplicação em Atletas**. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, n. 148, set. 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd148/mentalizacao-e-aplicacao-em-atletas.htm>. Acesso em 20 set. 2011.
- VALLE, M. P.; GUARESCHI, N.M.F. O esporte de alto rendimento: produção de identidades e subjetividades no contemporâneo. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO PARA MONOGRAFIA

IDENTIFICAÇÃO (opcional)

Nome: _____

Telefone: (48) _____

E-mail: _____

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1) Há quanto tempo você atua como profissional em Educação Física?

R:

2) Atualmente, você atua como:

() Professor de Educação Física em escola Particular

() Professor de Educação Física em escola Pública

() Treinador esportivo

() Instrutor de fitness

3) Se você atua como professor, indique com qual (is) ensin(s) você trabalha:

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior

LEVANTAMENTO DE IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO PSICOLÓGICO

4) Durante sua graduação, cursou alguma disciplina relacionada ao conhecimento psicológico? Qual?

R:

5) Coursou Pós-Graduação e/ou Especialização em conhecimento psicológico?

Sim Não

6) O conhecimento em **PSICOLOGIA** que você adquiriu durante sua graduação fornece suporte para sua atuação profissional?

Sim Não Não sei dizer

7) O conhecimento em **PSICOLOGIA** que você adquiriu durante sua pós-graduação/especialização fornece suporte para sua atuação profissional?

Sim Não Não fiz pós-graduação/especialização

8) Na sua atuação profissional não julga necessário o conhecimento psicológico como solução para problemas enfrentados em sala de aula ou o acha imprescindível para “enxergar” o aluno e poder maximizar o repasse/aprendizagem de conhecimento?

R:

9) A disciplina específica: **PSICOLOGIA DO ESPORTE** é do seu conhecimento:

- na Graduação em Educação Física
- na Pós-graduação
- em nenhuma formação, não conheço.

10) O conhecimento em **PSICOLOGIA DO ESPORTE** que você adquiriu, fornece suporte para sua atuação profissional?

Sim Não Não sei dizer